



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

ROBERTO LUAN MEDEIROS RODRIGUES

AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO DE NUTRICIONISTAS

Cuité - PB

2024

ROBERTO LUAN MEDEIROS RODRIGUES

AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO DE NUTRICIONISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso

Cuité - PB

2024

R696a Rodrigues, Roberto Luan Medeiros.

Agroecologia na formação de nutricionistas. / Roberto Luan Medeiros Rodrigues. - Cuité, 2024.
61 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso".

Referências.

1. Agroecologia. 2. Formação em nutrição. 3. Segurança alimentar. 4. Sustentabilidade. 5. Sistemas alimentares. I. Cardoso, Vanille Valério Barbosa Pessoa. II. Título.

CDU 631.95(043)

ROBERTO LUAN MEDEIROS RODRIGUES

AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO DE NUTRICIONISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Saúde Coletiva.

Aprovado em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Poliana de Araújo Palmeira
Universidade Federal de Campina Grande
Examinadora (Membro Titular)

Prof. Dr. Fernando Kidelmar Dantas de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande
Examinador (Membro Titular)

Cuité - PB

2024

A todas as mulheres da minha vida que me fizeram chegar até aqui, me
alimentando com amor.

Em especial: minha mãe, minhas tias e minhas queridas e saudosas
avós Dona Rita e Dona Moça.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar as minhas rugas, sinais que amadureci e cheguei até aqui, essa é minha forma de agradecer a Deus, que me deu o dom da vida e que tem me agraciado dia após dia com seu amor. Ao falar de amor, agradeço aos meus primeiros grandes amores: minha mãe, Maria de Fátima de Medeiros Dias, que me gerou, amamentou e que até hoje e para todo o sempre fará de tudo para cuidar de mim, ela é assim desde meu primeiro instante de vida; e a minha avó, dona Rita Cruz Rodrigues, que me alimentou com amor e me ensinou a amar. Agradeço a toda minha família: meu pai, amigo e jogador, Sérgio Roberto, minhas tias Joacilma Dias (mãe, inspiração e que ora todos os dias por mim), Sandra Maria (mãe, que me chama de Roberto e sempre me ilumina com seu sorriso), Maria da Luz, Luziane Dias, Heliomara Dias e meu tio Sandro José; meus irmãos e irmãs Jaiana Priscila, Geise Lohayne, Lucas Wesley (somos feito nós); Júlia e Gabriel. Ádan Azevedo, por todo o suporte técnico e familiar! Minha gratidão também para aqueles que já voltaram para a Terra, mas que fizeram grande diferença em minha jornada enquanto presentes: Minha bisa, Dona Moça (Josefa Maria Dias), Hélio Cosme Dias e João Lourenço Cruz Rodrigues, meus avós.

Os bem mais novos da minha família, merecem um parágrafo só deles: Rafael Filho (Fiel), Victor Gabriel (Vitoin), Benício (Benevedito) e Thor (que ainda não ganhou um apelido), É INCRÍVEL acompanhar a história de vocês desde... SEMPRE!! Rs . Sou um tio muito abençoado por poder jogar com vocês. Amo todos.

Meu amigo/irmão, Marcus Lopes, sou grato ao presente de Deus em minha vida que você é. Tens me ajudado e ensinado muito a ter fé. E o que rima com fé? CAFÉ. Marcus é um café Mineirim.

Agradeço àquelas que desbravam o mundo comigo: Lizandra Virgínia e Hellen Aparecida, amigas incríveis! Melhores amigas! Nossas viagens sempre serão as melhores, tão bom conseguirmos nos aguentar uma vez ao ano... hahahaha Amo vocês!

Michael Douglas, Alex Vasconcelos, Lucas Roberto, Pedro Sena, Kaique Hiany, Jessé Medeiros, Allan Muniz, Pedro Henrique, Sebastião Alessandro, Victor Hugo, Luan Sousa, Abraão Medeiros, Maxsuel Medeiros, Caio Hamon e Erivan Santos. ALô EquiPE PáTiO!!!

Alice Crepory, não tenho palavras para agradecer o quanto és importante, suspeito que não conseguiria sem os seus carinhos para me apoiar. VOCÊ É UM

SAMMMBA! Sua voz cantou em meus ouvidos música para continuar. Chegou em uma hora muito linda e virou minha sócia, junto ao Bem Lucas, agora temos cada qual 50% de um bloco de carnaval. Oficialmente registrado aqui, neste TCC (Bloco Prisioneiros da Paixão). “Prudência, não me venha falar de prudência”.

Aos amigos de vida, meu muito obrigado por todas as conversas importantes e os ensinamentos de vida que levarei no meu caminho e que me fazem mais forte: Euflávio Filho, Tércio Dantas, Aramys Matheus, Lucas Eduardo, Luan Sousa, Fábio Medeiros.

As amizades que a UFCG me proporcionou, em especial meus colegas Petianos. Também aos que ingressaram comigo no período 2019.1 e me ajudaram demais durante as aulas e no momento mais difícil desta graduação, que foi sem dúvidas o período da pandemia. Giuliane Lins, eu não teria sobrevivido sem sua amizade durante esse momento tão difícil que o mundo passou, gratidão por tudo.

Agradeço à minha orientadora Vanille Pessoa, por ter aceitado orientar esse trabalho. Vanille carrega em seu nome a Valentia da mulher nordestina; o Amor e a Nobreza de ser nutricionista e crer em um futuro melhor, levando utopias na pele; Icônica das artes e da música; Lúcida em um mundo que precisa da sua Luta por um futuro melhor; Ela é uma Pessoa Extraordinária. Gratidão por sua paciência, seus conselhos, carinho, cuidado e por sua amizade. Gratidão por todas as vezes que me fez rir! Ela é mãe de mainha, ensinando como amar e ser amada. Obrigado por acreditar em mim!!

Minha banca examinadora, também fica aqui meus agradecimentos. Poliana Palmeira, exemplo de professora e pesquisadora. Dela recebi a frase que carregarei na minha vida profissional: “a bandeira do nutricionista é combater a fome”. Tutora do grupo PET, Poliana ensina com rigor e dedicação a ser a melhor onde estiveres. Compromisso, proficiência, destreza e assertividade são alguns dos adjetivos que enfatizam seu papel de liderança e brio para elevar a atuação do curso de Nutrição em Cuité. Ela faz a diferença, como fez em minha vida. Obrigado por ser minha professora!

Kidelmar Dantas, ao ver seu currículo não pestanejei em lhe convidar; agrônomo, doutor em agronomia (ecologia e recursos naturais). Que maravilhoso podermos contar com sua maestria aqui na UFCG-CES. Agradeço imensamente por aceitar meu convite. Vejo em sua pessoa uma fonte de inspiração humana. Não por ser excelente ou por ter grandes feitos (isso é inegável), mas por ser uma pessoa simpática e feliz! Gratidão por sua gentileza em estar aqui.

Meus agradecimentos também para cada professora e professor do curso de Bacharel em Nutrição do Campus de Educação e Saúde de Cuité/PB que formam

nutricionistas humanizados, aptos para o cuidado e atenção em saúde. Profissionais com excelência, ajudando essa profissão a se estabelecer com sua devida importância. São docentes que em sua grande maioria se dispõem a ajudar a comunidade local. Apoiados por um Assistente Administrativo de alto nível Leonardo dos Santos Costa, sempre disponível a ajudar.

Por fim, meus agradecimentos finais vão para minha amada cidade Cuité, sempre de braços abertos; para todos os funcionários que cuidam do CES, local da minha formação, mantendo o campus mais bonito e acolhedor que já conheci; ao pessoal da 4ª Gerência Regional de saúde, nas pessoas de Monique Trajano e Sabrina Almeida; A minha querida preceptora Jainni Dias, representando a equipe do Hospital Municipal de Cuité, que foi de imenso apoio durante o momento desta escrita; e a cada pessoa da comunidade que me viu como aluno e me ajudou na minha graduação. Meu muito obrigado!

Sem folha não tem sonho

Sem folha não tem vida

Sem folha não tem nada

Kò sí ewé, kò sí òrìsà

(Maria Bethânia canta Mário de Andrade)

RODRIGUES, R.L.M. **Agroecologia na formação de nutricionistas**. 2024. 61 folhas.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Universidade Federal de
Campina Grande, Cuité, 2024.

RESUMO

A formação em nutrição é uma construção de identidade que ocorre com a aquisição de conhecimento e prática específicas, resultando em uma profissão. A complexidade dos problemas nutricionais e sua relação com as desigualdades sociais que são influenciadas por fatores políticos, socioeconômicos e ambientais exigem uma abordagem que vá além do tradicional enfoque biológico. A agroecologia promove uma relação sustentável com os recursos naturais ao integrar saberes científicos e populares; busca garantir a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, gerar alimentos saudáveis, preservar os solos e a biodiversidade e também valorizar a vida digna, emponderando minorias e valorizando povos e culturas historicamente marginalizadas. Este trabalho pretende analisar a presença da agroecologia na formação do nutricionista, como ela é estudada, onde se apresenta e qual a sua importância. O trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido sob a forma de uma revisão bibliográfica do tipo Revisão Integrativa da Literatura, utilizando como termos de busca na internet, em base de dados conceituadas, os seguintes termos: "agroecologia e formação em nutrição" e "agroecologia e ensino em nutrição", com a questão orientadora: "Onde e como a Agroecologia está inserida na graduação do nutricionista". Após a aplicação dos critérios de inclusão: termo "agroecologia" no corpo do texto; contendo um destes assuntos: "formação em nutrição" ou "graduação em nutrição" ou "graduandos em nutrição" ou "formação (graduação) do(e) nutricionista"; trabalhos realizados no Brasil; trabalhos publicados após 2012, ano do decreto nº 7.794/2012, que instituiu a Pnapo; nos idiomas português. Exclusão: realizados fora do Brasil; "agricultura sustentável" substituindo agroecologia; que não abordassem a agroecologia como fonte de conhecimento e/ou prática para a formação do nutricionista; não abordando formação acadêmica do nutricionista; e artigos indisponíveis nos bancos de dados. foram identificadas oito publicações relevantes. Nos trabalhos revisados, a presença da agroecologia foi destacada pelos autores como necessária na Ciência da Nutrição e em sua formação, enfatizando que a agroecologia vai além de ser apenas uma abordagem tecnológica, sendo também um diferencial social, filosófico e naturalista. É também uma ferramenta de campo de prática, com potencial transformador na formação do nutricionista envolvendo uma mudança de mentalidade do aluno para um olhar mais amplo sobre o alimento e seu ciclo de produção, desde sistemas alimentares sustentáveis até a mesa do consumidor, respeitando a cultura, o meio ambiente e a vida. Os trabalhos revisados convergem na importância da agroecologia como elo para o equilíbrio entre Segurança Alimentar, Sustentabilidade e Sistemas Alimentares, destacando o alimento não apenas como nutriente, mas também como elemento essencial para o conhecimento, a cultura e o cuidado. Em detrimento do baixo número de publicações encontradas, conclui-se que a agroecologia carece ser mais explorada em publicações que envolvam a formação de nutricionistas.

Palavras-chave: Agroecologia; formação em nutrição; segurança alimentar; sustentabilidade; sistemas alimentares

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
ANSC	Alimentação Nutrição e Saúde Coletiva
CFN	Conselho Federal de Nutrição
CIAPO	Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica
Cnapo	Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Condraf	Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável
Consea	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
DCN	Diretrizes Curriculares da Nutrição
DCNT	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
DHAA	Direito Humano à Alimentação Adequada
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FAO	Food and Agriculture Organization
FMI	Fundo Monetário Internacional
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Losan	Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional
MHD	Materialismo Histórico-Dialético
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PDA	Projetos Demonstrativos
Planapo	Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNAN	Política Nacional de Alimentação e Nutrição
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
Pnapo	Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
Pnater	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária
Pnsan	Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SAS	Sistemas Alimentares Sustentáveis
SSAN	Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
SISAN	Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	4
RESUMO.....	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETIVOS.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
4 METODOLOGIA.....	32
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

APRESENTAÇÃO

A iniciativa deste trabalho parte da busca de uma consciência de mim mesmo (Quem sou eu de fato e verdadeiramente? Qual é o valor de ser quem sou?), adquirir consciência do outro (Quem são as outras pessoas com quem convivo e compartilho a vida? Em quais situações e contextos nos relacionamos? E o que isso significa?); e adquirir consciência do mundo (O que é o mundo em que vivo? Como ele foi e continua a ser socialmente construído para chegar ao ponto em que se encontra agora? O que podemos e devemos fazer para transformá-lo?). Acrescento neste pensamento a palavra mais importante que o Curso de Nutrição me deu: comensalidade. Junto tudo isso e “canto” Gilberto Gil:

“Quem poderá fazer aquele amor morrer Se o amor é como um grão? Morre e nasce trigo vive e morre pão.”

É pelo amor à vida que escrevo.

O Curso de Nutrição veio ao encontro da minha busca por evolução pessoal, através da quebra de ciclos perpetuados por uma visão de mundo que precisava ser transformada. Transformação essa que se volta para dentro, tudo que aqui em mim se transforma em meus pensamentos, minhas crenças e raízes. Tudo aquilo que acredito e deixo de acreditar, toda essa transmutação que corre em minhas veias. Tal como tudo aquilo de que me alimento. Então foi através dessa analogia simples e ao mesmo tempo tão complexa que encontrei com a verdade que precisava: Sou o resultado de tudo aquilo que passou por mim e absorvi, somado ao que me enche nesse instante, com o que ainda virá a me alimentar. Por muitas vezes coisas indigestas aqui passaram: tragos amargos, mordidas insípidas, excessos de açúcar e euforia. Centenas e centenas de litros de líquidos escuros, tão vazios como o buraco que me causaram. Masquei muitas amarguras que só o céu obscuro e rubro da minha boca testemunhou. Empanturrei-me daquilo que meu corpo não precisava e vomitei exageros. Provei do meu próprio sangue nas vezes que com muita força mordi minha própria língua, desdizendo o que disse, dizendo o que nunca achei que ia dizer. Procurei me encontrar no que me ofereciam e não era saudável. Continuei com fome. Mesmo na penúria meu corpo quis viver, até quando a falta de vontade era maior que tudo, ainda assim ele não se desfez.

E foi a fome do novo que me susteve e me levou até o caminho da universidade, tortuoso e difícil, cheio de desistências e ladeiras, mas que me deram a chance de encontrar com a jornada que trilhei desde “pequeno”, mas que em algum momento perdi o interesse, chamado conhecimento. Nos livros, me banqueteei com pratos fartos de ciência, experiências e guias. Mapas que me trouxeram a origem embrionária do meu ser. Foi quando percebi que nem só de elementos ruins me nutrí. Ao contrário, recebi muita coisa boa e não sabia. Do primeiro choro calado com o peito materno, recebi desse amor a comida mais completa que poderia existir ao ser humano. E na gigantesca maioria das vezes foram as mulheres da minha vida que continuaram me alimentando, me enchendo de feijão, arroz, peixe, pirão e cuidado. Cresci duvidando da felicidade ao mesmo tempo que me serviam todos os dias carinho e atenção. Inúmeras mães, tenho a sorte de ter.

Comi e como muito cuscuz abençoado, vindo do milho atirado ao chão em grão para crescer espiga, morrer moído, vestido na mortalha dos flocos temperados por mãos amigas, velado cozido, enterrado pelos numerosos coveiros brancos, que entregam o defunto que desce como no rio Ganges para ser decomposto nas formigas-enzimas e absorvido na terra delgada e assim ressuscitar e correr nas veias confluentes que desaguam no oceano do meu coração. Esse caminho, mesmo sujo pela poluição do mundo, não deixa de ser sagrado. E tudo que nele mergulha, renasce como oferenda, abastecendo as mitocôndrias maternas e se fazendo matéria prima para toda a construção da minha constelação celular, cópia da minha mãe e pai, estes, cópias do pai-sol e da mãe-terra. O ciclo da semente que brotou aqui, como na Terra iluminada pelo sol e regada pelas chuvas, transportadora das almas. Sou, então, um espírito que renasceu de dentro da mãe-terra, recebendo um corpo construído pelos aminoácidos que vieram desde aquela primeira unicélula que comeu e se metamorfoseou e na união tornou-se outra vida e essa outra vida se multiplicou, passou por infindos processos e chegou até aqui em cada ser vivo que habita este mesmo corpo celeste. E que um dia irá voltar para um local indizível, comum a tudo que é vivo.

Apenas quero defender, honrar, celebrar e amar 3 coisas: Abya Yala (como nossos ancestrais indígenas chamam a terra viva), a vida (cada ser vivo, não só o ser humano) e o que permite e sustem a existência (água, luz, o alimento e seu ciclo). E assim, talvez consiga entregar a matéria de volta para sua fonte, menos suja das imundícies ultra processadas e com a consciência tranquila que mereceu a oportunidade de sentir o cheiro das flores, de abraçar amigas e amigos, de amar e ser

amado; de ver o sol nascer e partir, repartir e voltar; de ser filho, de correr, de respirar; beijar e ser beijado; e de errar, de se arrepender e de se refazer; de abraçar árvores, subir em árvores, de se sentir árvore; sofrer, sorrir e dormir; cantar, encantar e dançar ao som das músicas e do silêncio; de conhecer a mim mesmo e um pouco das outras pessoas; de confundir e ser confundido; aprender, esquecer e aprender tudo de novo com paixão; de encontrar o amor próprio e o autocuidado; de ter um corpo saudável; de tocar violão, sentar no chão e orar. Oportunidade de dormir, gozar e comer! E, quem sabe, ter a chance de ensinar ao próximo a também valorizar estas coisas que são tão etéreas ao mesmo tempo que são tão naturais.

Ela faz parte de mim
Eu só quero aqui dentro
O que vem de ti

Quando eu como
Eu amo

Minhas células
Meu tecido
Olhos, ouvidos e canto

Tudo de fora pra dentro
Tudo de dentro pra fora
Vem da terra e mora

Cada pedaço de ser
É dela

Abya Yala,
Mãe Terra!

Quando eu como
Me amo

Cada pedaço de mim
É dela
(Roberto Luan)

1 INTRODUÇÃO

A Nutrição é a ciência que investiga as relações entre os alimentos e nutrientes consumidos pelos seres humanos e seus impactos na saúde e na doença. Um nutricionista é um profissional de saúde com diploma emitido por instituições de ensino superior em Nutrição, devidamente reconhecidas pelo Ministério da Educação e registrado no Conselho Regional de Nutricionistas (CRN) de sua jurisdição.

O curso de graduação em Nutrição da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, segue as diretrizes curriculares nacionais, que estabelecem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos para a formação de nutricionistas. Essas diretrizes são definidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação e aplicadas em todo o país na elaboração, implementação e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Nutrição das instituições de ensino superior, conforme o artigo 2º da Resolução CNE/CES nº 5, de 7 de novembro de 2001.

De acordo com Bosi (1992), em seu livro “profissionalização e conhecimento: a nutrição em questão” a formação em nutrição é um processo de construção identitária que se desenvolve no contexto da profissionalização em um campo específico de conhecimento e prática, uma aquisição de conhecimento distinto. Esse processo essencialmente define o que constitui uma profissão, com base na análise de autores da sociologia do trabalho que estabelecem critérios fundamentais para a caracterização de uma profissão, segundo a autora. São identificadas etapas típicas para essa profissionalização, como a aquisição de uma base técnica, a regulamentação profissional, a adoção de um código de ética e a busca por um alto nível de profissionalismo. Além disso, é ressaltada a importância de um corpo sólido de conhecimento e de um ideal de serviço. Destaca-se o papel das instituições formadoras - as universidades - quanto à “duração, profundidade e amplitude da base cognitiva”. A relação entre a profissão e o Estado é enfatizada, uma vez que o poder político desempenha um papel significativo na maioria das profissões bem-sucedidas.

As DCN propõem conteúdos para o desenvolvimento de competências e habilidades gerais e específicas em áreas como Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Sociais, Humanas e Econômicas, Ciências da Alimentação e Nutrição e Ciência dos Alimentos (Soares; Aguiar, 2010).

Segundo Cardoso (2013), é evidente que a intrincada causalidade dos problemas

nutricionais e sua estreita conexão com fatores políticos, socioeconômicos e ambientais demandam avanços para além da abordagem biológica convencional. Entre os pilares de uma abordagem inovadora no campo de atuação em ANSC, destaca-se o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), o desenvolvimento de políticas públicas para promover a alimentação saudável levando em conta o impacto ambiental e a justiça social, a promoção de sistemas alimentares sustentáveis, o respeito às culturas e preferências alimentares, a priorização da formação profissional e da pesquisa científica direcionadas para a resolução dos problemas nutricionais da população.

Este direcionamento baseia-se nos direitos à Saúde e à Alimentação, sendo regida, no Brasil, pelos preceitos doutrinários e organizativos do Sistema Único de Saúde. Os princípios da política são: a alimentação como elemento de humanização das práticas de saúde, o respeito à diversidade e à cultura alimentar, o fortalecimento da autonomia dos indivíduos, a determinação social e a natureza interdisciplinar e intersetorial da alimentação e nutrição e a segurança alimentar e nutricional com soberania (Pnan, 2013).

O atual sistema de produção, distribuição e consumo de alimentos é caracterizado por uma abordagem utilitária e exploratória da natureza, transformando os alimentos em mercadorias. A agroecologia surge como uma alternativa a esse modelo, valorizando práticas tradicionais que promovem a diversidade socioambiental e cultural na produção e consumo de alimentos, ao mesmo tempo em que contribui para a Segurança Alimentar e Nutricional (Sambuichi *et al*, 2017).

A agroecologia, surgida nos anos 70, busca produzir alimentos agropecuários mais saudáveis e naturais, promovendo uma relação racional com os recursos naturais. Integrando conhecimentos científicos e populares, visa a sustentabilidade dos sistemas agrícolas. Não é um sistema de produção específico, mas sim uma abordagem que intenta garantir uma vida digna, educação e saúde, em harmonia com os recursos naturais. A agroecologia ensina a produzir alimentos saudáveis, preservar os solos, a biodiversidade e a interação sistêmica entre os elementos, representando diversas práticas como Agricultura Orgânica, Biodinâmica, Agricultura Natural e Permacultura (Almeida, 2012).

A pesquisa em agroecologia tem como foco o desenvolvimento de agroecossistemas que promovam interações naturais para melhorar a produtividade agrícola. Isso contrasta com os sistemas convencionais que buscam controlar o

ambiente agrícola com insumos externos (Embrapa, 2006).

A academia, além de formadora profissional, tem o papel de moduladora de cosmovisão - continuada da educação básica - transformando o ser através do conhecimento, assim, desvelando as opressões que “coisificam” homens e mulheres (Freire, 1968). Essas opressões, enclausuram as mentes humanas em quartos escuros, impedindo que a iluminação chegue em seus olhos para uma consciência de si mesmo e do mundo. Tardin (2012) afirma que o capital, por suas leis, transforma tanto os seres humanos quanto a natureza em mercadorias, o que resulta em uma relação social estrutural e intrinsecamente violenta. Isso impede a possibilidade de encontrar soluções ecológicas sustentáveis ou alcançar a emancipação humana, pois não permite uma racionalidade adequada para isso. Neste sentido, a emancipação é adquirida pelo desenvolvimento do senso crítico, exercendo a “educação como prática de liberdade” (Freire, 1968). Essa libertação, proclama o ser político, desperto para revolucionar e resistir. E a principal bandeira do profissional nutricionista consciente do mundo é combater a fome, enfrentando, desafiando e transformando as estruturas de poder da sociedade que mercantilizam o alimento e o ser humano.

Por meio de uma revisão bibliográfica, este estudo tem como questões norteadoras: A graduação do nutricionista aborda a agroecologia? Onde e como a agroecologia está inserida no campo de formação em nutrição?

Espera-se com este trabalho conseguir analisar como a agroecologia está presente na formação do nutricionista.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Verificar a presença da agroecologia na formação do nutricionista por meio de revisão da literatura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Examinar se a agroecologia é estudada dentro da formação em Nutrição;
- Refletir sobre onde a agroecologia se apresenta na formação de nutricionistas;
- Indagar se a agroecologia tem importância para a profissão.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

É preciso compreender termos importantes para este trabalho. Para isto algumas definições estão descritas:

3.1 AGROECOLOGIA

A agroecologia tem sido validada por diversos atores sociais como ciência, abordagem científica, prática social, movimento político e de luta. Ela pode ser vista de diferentes formas (figura 1), desde um campo agrícola até um sistema agroalimentar completo, convidando a repensar a relação sociedade-natureza. Em oposição a práticas contemporâneas, a agroecologia destaca-se como uma alternativa, tendo os camponeses e povos originários como protagonistas. Sua origem remonta às práticas tradicionais ao longo dos séculos, confrontando-se com a ciência moderna e seguindo o fluxo das contradições do capitalismo. No século XX, a agroecologia tornou-se um corpo de conhecimento científico e uma ferramenta política, ganhando relevância no século XXI com os movimentos camponeses. Atualmente, a dimensão política da agroecologia se apresenta como fundamental, seja na luta pela reprodução social dos camponeses e povos originários, na busca pela soberania alimentar, saúde ou no debate por um novo projeto societário (Dias *et al.*, 2021).

Figura 1: Flor da agroecologia



Fonte: Fundação Heinrich Böll, 2018.

A agroecologia também pode contribuir para a mitigação e adaptação às mudanças climáticas, favorecendo a restauração, diversificação e conservação dos serviços ecossistêmicos e evitando a degradação do solo. A agroecologia, ao promover a variedade de culturas, a sazonalidade e a produção com foco local, também contribui para a presença de polinizadores, que beneficiam 35% das terras agrícolas do mundo e sustentam a produção de 87 das principais culturas alimentares do mundo.”

(Fao , 2012)

Algumas experiências pioneiras no campo das agriculturas alternativas deram origem a processos de ensino-aprendizagem, com destaque para a atuação de estudantes e educadores nas Ciências Agrárias, que desde os anos 1980 levantaram o debate e promoveram iniciativas para a inserção da agroecologia na educação formal. A partir dos anos 2000, surgiram cursos em instituições de ensino que adotavam uma abordagem crítica ao enfoque tecnicista, aproximando-se da agroecologia. O Projeto Lumiar, iniciado em 1997, proporcionou oportunidades de atuação profissional para egressos das universidades, contribuindo para o desenvolvimento de experiências e a ampliação do debate agroecológico em assentamentos. A partir de 2003, mais de 100 cursos de agroecologia foram criados no Brasil, abrangendo tecnólogos, bacharéis, especializações, mestrados e doutorados nesta área. O Pronera do Inra foi fundamental para integrar a Educação do Campo aos princípios da agroecologia. A assistência técnica e extensão rural passaram a incorporar o enfoque agroecológico, com organizações da sociedade civil desempenhando papel importante na execução de políticas públicas. A criação da Pnater em 2004, vinculada à Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, fortaleceu a agricultura familiar e a agroecologia, embora tenha havido desafios na operacionalização da política. A Pnater foi a primeira política nacional a mencionar a agroecologia como orientação para a atuação dos extensionistas rurais brasileiros. Na área de pesquisa, a abertura de editais pelo CNPq a partir de 2004 incentivou estudos em agroecologia, com destaque para a criação de núcleos de agroecologia. Em 2006, a Embrapa consolidou sua atuação em agroecologia, permitindo a elaboração e aprovação de projetos nessa temática (Dias *et al.*, 2021).

“O que a Agroecologia traz de novo é um embasamento conceitual e uma abordagem metodológica que permite articular especialistas de diversos ramos do conhecimento para que, juntos, em projetos de pesquisa multi, inter e transdisciplinares, avancem nos estudos sobre os fundamentos da sustentabilidade dos sistemas agropecuários.” (Embrapa, 2006)

A manutenção de agroecossistemas biodiversificados é fundamental para promover sinergia entre seus componentes, resultando em maior estabilidade e resiliência. Além disso, o agroecossistema é visto como um sistema socioeconômico, envolvendo a produção de bens para o mercado e consumo familiar. A eficiência econômica é avaliada considerando tanto as rendas não monetárias geradas internamente quanto as transações comerciais. A colaboração entre pesquisadores e

agricultores é essencial para promover a inovação e a disseminação de conhecimento, integrando a pesquisa em agroecologia às comunidades rurais e programas de desenvolvimento local (Embrapa, 2006).

“É por intermédio do enfoque sistêmico, portanto, que se torna possível o estabelecimento de pontes entre o método racional/analítico de construção de conhecimentos adotado por pesquisadores e os métodos intuitivos/integradores dos agricultores. A possibilidade de estabelecimento desses diálogos é condição insubstituível para que pesquisadores participem das pesquisas dos agricultores” (Embrapa, 2006).

A expressão "Agricultura Ecológica" deve ser considerada no plural como "Agriculturas Ecológicas" para refletir a diversidade presente na agroecologia. Essa diversidade demonstra a amplitude das aplicações da agroecologia em diferentes contextos territoriais, culturais, socioeconômicos e ecológicos no Brasil. Tanto a diversidade ecológica quanto a diversidade de ideias e construções socioculturais são fundamentais para fortalecer a agroecologia. Ela busca atender os princípios da sustentabilidade econômica, ecológica, social, cultural, política e ética, garantindo renda e acesso ao mercado, preservando os recursos naturais, promovendo inclusão social e segurança alimentar, respeitando as culturas locais, promovendo a organização para mudanças e participação nas decisões, e valorizando princípios éticos e morais. A agroecologia é uma ciência em constante evolução, onde cada manifestação local desenvolve sua própria forma de se estabelecer, inspirando o desenvolvimento de novas experiências adaptadas às condições locais. (Embrapa, 2006)

Sendo assim, pode-se afirmar que:

- A Agroecologia é um referencial teórico, que ganha caráter concreto quando aplicado às realidades locais;
- As experiências locais podem validar os princípios, ponderando cada qual e enriquecendo a própria concepção teórica da Agroecologia;
- A Agroecologia, a partir das inúmeras experiências que vem inspirando, tem contribuído para a construção de um banco de referências com potencial para inspirar o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis nas mais variadas condições. (Embrapa, 2006)

A agroecologia, como um movimento recente de construção do conhecimento, busca eliminar elementos negativos e gerar novos métodos e estratégias inovadoras para promover a sustentabilidade nos sistemas de produção. Integrando contribuições das Ciências Naturais e Sociais. Para Gliessman (2000) a agroecologia procura aplicar os princípios da Ecologia na agricultura, com foco no conceito de agroecossistema.

O Marco Referencial em agroecologia, resume falas de autores conceituados no assunto da seguinte maneira:

“A Agroecologia é um campo de conhecimento transdisciplinar que

contém os princípios teóricos e metodológicos básicos para possibilitar o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis e, além disso, contribuir para a conservação da agrobiodiversidade e da biodiversidade em geral, assim como dos demais recursos naturais e meios de vida.

Para pontuar em uma abordagem mais técnica, apresentamos a visão de Altieri (2001) em que a Agroecologia encerra os seguintes elementos técnicos:

- Conservação e regeneração dos recursos naturais – Solo, água, recursos genéticos, além da fauna e flora benéficas.
- Manejo dos recursos produtivos – Diversificação, reciclagem dos nutrientes e da matéria orgânica e regulação biótica.
- Implementação de elementos técnicos – Definição de técnicas ecológicas, escala de trabalho, integração dos elementos do sistema em foco e adequação à racionalidade dos agricultores.” (Embrapa, 2006)

Ana Maria Primavesi afirmou em seu livro “Agroecologia, Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura” que “Tanto na agricultura natural, como na ecológica, visa-se não somente proteger consumidores, mas criar um mundo saudável e amigável para todos.” E que “A agricultura ecológica não trabalha somente com as plantas, mas com o sistema inteiro solo-planta-clima.” Buscando austeridade, “quem trabalha holisticamente maneja ciclos e equilíbrios”.

O conhecimento popular e tradicional, embora muitas vezes não seja reconhecido pela abordagem científica convencional, tem sido a base fundamental do desenvolvimento da agricultura desde os primórdios no Período Neolítico. Devido à sua forte ligação com as fontes ancestrais de sabedoria, a agroecologia destaca a importância do conhecimento popular como uma fonte de informações para modelos que possam ser aplicados nas condições atuais. Essa valorização dos saberes tradicionais não invalida as descobertas do método científico tradicional; pelo contrário, reconhece a significativa contribuição de ambas as fontes e a relação positiva entre elas. “A agroecologia tem base na relação sinérgica entre a evolução do conhecimento científico e do saber popular e a sua necessária integração” (Embrapa, 2006).

No Brasil, pode-se dizer que o termo surge após a abertura democrática na década de 1980 e a promulgação da Constituição Federal de 1988. Houve uma maior visibilidade e expansão das instâncias de participação, permitindo o surgimento de um movimento de contestação em relação à modernização da agricultura. A implementação da Política Nacional de agroecologia (Pnapo) e, derivado deste, o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo) foram resultados de um processo histórico iniciado nos anos 1980 pelo movimento agroecológico, com diversas iniciativas em áreas como ensino, pesquisa, extensão, comercialização e certificação, lideradas por movimentos sociais, ONGs e comunidades locais (Dias *et*

al., 2021).

Uma das primeiras ações de apoio do Estado à transição agroecológica foi o subprograma Projetos Demonstrativos (PDA) do Projeto Piloto. As ações do PDA foram cruciais para a formação de redes de atuação em agroecologia, como a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), que apresentou suas demandas e ideias sobre políticas públicas de apoio à agroecologia. Essas iniciativas impulsionaram ações institucionais e continuaram nos anos seguintes, criando condições para influenciar uma agenda política que apoiasse uma agricultura de base agroecológica (Dias *et al.*, 2021).

A partir de 2003, com a criação do programa Fome Zero no governo Lula, o tema da segurança alimentar e nutricional se tornou central, levando à criação da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Pnsan). Esta política tem como uma de suas diretrizes a promoção de sistemas descentralizados e sustentáveis de produção de alimentos, alinhando-se com programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e a Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade (PGPM-Bio) (Dias *et al.*, 2021)

Ações como o PAA e o Pnae contribuem para fortalecer a agroecologia ao promover práticas sustentáveis, valorizar alimentos locais e tradicionais, e fornecer alimentos saudáveis para populações em situação de insegurança alimentar. O apoio de órgãos como o Consea e o Condrap foi fundamental para articular movimentos sociais e influenciar a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a transição agroecológica. Conferências nacionais e espaços de participação foram essenciais para promover a agroecologia e incorporar suas propostas nas políticas públicas nacionais, fortalecendo práticas participativas e de controle social na produção e comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos (Dias *et al.*, p. 2021).

A atuação conjunta do movimento agroecológico e orgânico, especialmente com o envolvimento das organizações de mulheres trabalhadoras rurais e camponesas, foi essencial para a criação da Pnapo e do Planapo em 2012. A elaboração da Pnapo ocorreu em um contexto político favorável, com um governo federal aberto ao diálogo com a sociedade e receptivo a novas pautas. Os instrumentos dessa política incluíam o Planapo, crédito rural, mecanismos de financiamento, seguro agrícola, regulação de preços, compras governamentais, pesquisa, assistência técnica, formação profissional,

controle e monitoramento (Dias *et al.*, 2021).

A PNAPO foi instituída pela então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, com decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012:

“a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO, com o objetivo de integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população, por meio do uso sustentável dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis.” (Brasil, 2012).

Tendo como algumas de suas diretrizes: São produtos da sociobiodiversidade: bens e serviços originados de recursos da biodiversidade, destinados a formar cadeias produtivas beneficiando os contemplados pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (Lei da formulação das políticas públicas direcionadas à Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais). Esses produtos visam promover a preservação e valorização das práticas e conhecimentos locais, garantindo direitos, gerando renda e melhorando a qualidade de vida e do ambiente. O sistema orgânico de produção refere-se àquele definido pelo artigo 1º da Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003 (lei que dispõe sobre a agricultura orgânica para o Brasil), e outros que sigam seus princípios. Já a produção de base agroecológica busca a integração entre capacidade produtiva, conservação da biodiversidade, equilíbrio ecológico, eficiência econômica e justiça social, podendo ou não estar sujeita aos mecanismos de controle da referida lei e sua regulamentação. A transição agroecológica é um processo gradual de mudança nas práticas e manejo de agroecossistemas, sejam tradicionais ou convencionais, visando transformar as bases produtivas e sociais do uso da terra e dos recursos naturais em sistemas agrícolas que adotem princípios e tecnologias ecológicas (Brasil, 2012).

A representa o compromisso do Governo Federal em promover o desenvolvimento rural sustentável, em resposta às crescentes preocupações da sociedade sobre a produção de alimentos saudáveis e a conservação dos recursos naturais. A Pnapo resulta de avanços significativos no conhecimento agroecológico e orgânico, integrando saberes tradicionais com o científico em políticas públicas e iniciativas educacionais.

O plano enfrentou desafios para garantir a sustentabilidade dos sistemas de produção, exigindo diálogo e cooperação entre diferentes setores. O Plano Brasil Agroecológico visou ampliar a produção orgânica e agroecológica, promover a

conservação dos recursos naturais, apoiar a organização de agricultores, incentivar a pesquisa e educação agroecológica, entre outros objetivos. A execução do plano requirava investimentos em transição agroecológica, acesso a crédito e infraestrutura, apoio a cooperativas, valorização de produtos orgânicos, e fortalecimento do papel das mulheres e jovens rurais. O Governo Federal implementou diversos programas e políticas de apoio à agroecologia e produção orgânica, em colaboração com a sociedade civil e instituições públicas (Planapo, 2013).

O PLANAPO, elaborado pela CIAPO, juntamente com a participação da sociedade representada pela CNAPO, tentava implementar programas e ações para atingir esses objetivos, além de servir como instrumento de operacionalização da política nacional nesse campo. O Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo) para o período de 2013 a 2016 representou um avanço significativo na organização de ações nessa área. O plano facilitou a cooperação entre agentes públicos e privados, expandiu as iniciativas dos gestores governamentais, e ajudou a integrar o tema nos processos de planejamento e implementação de políticas públicas, tanto em nível federal quanto subnacional. As instâncias de gestão da Pnapo, CNAPO e a CIAPO, contribuíram para monitorar a execução das ações governamentais relacionadas à agenda. Em resumo, o Planapo foi uma iniciativa do Governo Federal para promover a agroecologia e a produção orgânica no Brasil (Sambuichi, 2017).

Todavia, este projeto foi instinto no mandato presidencial de 2019, que ficou conhecido por destituir órgãos e comissões que trabalhavam a favor da SSAN e por incentivar o agronegócio; dismantelar programas e projetos sociais de combate à fome; e por recolocar o Brasil de volta ao mapa da fome, trajetória que foi iniciada no golpe de 2016. Recentemente, com o retorno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, aconteceu em 2023 a retomada do plano, com a edição do decreto e a reestabilização das duas instâncias.

3.2 FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

O conhecimento é inerente à cultura humana, sendo que todo indivíduo, independentemente de onde viva, possui um certo nível de sabedoria. Esse conhecimento é considerado uma fonte de poder, e as profissões funcionam como a conexão entre o conhecimento e o poder. Um aspecto crucial é a aplicação prática, valorizando as profissões que se dedicam a resolver problemas da sociedade,

especialmente aqueles que representam necessidades universais (Bosi, 1992).

Ao longo da história da humanidade, a alimentação desempenhou um papel crucial na sobrevivência e na saúde. Inicialmente baseada na coleta e caça de alimentos disponíveis na pré-história, a prática alimentar evoluiu com o cultivo e domesticação de plantas e animais. Hipócrates, por volta de 400 a.C., já reconhecia a importância da dieta para a saúde. No século XVII, estudos sobre alimentação começaram a surgir, incluindo pesquisas sobre o peso corporal e a cura do escorbuto. Avanços na era químico-analítica, a partir do século XVIII, levaram a novas descobertas sobre os efeitos dos alimentos no organismo, com destaque para as contribuições de Lavoisier no campo da nutrição e metabolismo energético (Denegri; Amestoy; Heck, 2017).

A Nutrição como ciência teve origem na disciplina de "Higiene Alimentar" nos currículos de Medicina do século XIX, e no século XX houve um desenvolvimento de pesquisas sobre alimentos, nutrientes e sua influência na saúde humana. Na América Latina, o médico Pedro Escudero foi um pioneiro na divulgação dos princípios dietéticos e seu impacto na saúde entre 1925 e 1945. Médicos brasileiros também se envolveram em estudos sobre dietética na Argentina, resultando na criação das primeiras escolas de dietistas no Brasil (Denegri; Amestoy; Heck, 2017).

No contexto social e político do Brasil, a fome e a desnutrição entre a população levaram a estudos e debates significativos. Josué de Castro, um renomado médico, professor e sociólogo brasileiro, destacou a fome como um problema resultante de questões econômicas e sociais. Ele foi presidente da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) na década de 1950 e suas visões sociopolíticas sobre a fome no Brasil desafiaram os interesses políticos da ditadura militar, resultando em seu exílio. Nelson Chaves, contemporâneo de Castro, também médico e professor, concentrou-se nas questões nutricionais, contribuindo para o desenvolvimento da ciência da Nutrição no Brasil ao lado de Castro. Enquanto Chaves abordava a nutrição sob uma perspectiva biológica, Castro enfatizava as causas sociais da fome e desnutrição, realizando pesquisas pioneiras com a classe trabalhadora. A profissão de nutricionista começou a se firmar na sociedade brasileira a partir da década de 1940, com a formação de cursos de nutricionista-dietista e a criação de associações profissionais ao longo das décadas seguintes. O surgimento de novas revistas científicas na área da alimentação e nutrição a partir de 1980 impulsionou o avanço da Nutrição como ciência (Denegri; Amestoy; Heck, 2017).

Atualmente, a profissão de nutricionista é regulamentada por legislação e as

diretrizes curriculares do Ministério da Educação definem o perfil do profissional a ser formado. A evolução da Nutrição como ciência ao longo dos anos permitiu uma compreensão mais aprofundada da relação entre alimentação e saúde humana, com foco nas necessidades nutricionais da população e no desenvolvimento de pesquisas para beneficiar as pessoas (Denegri; Amestoy; Heck, 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Nutrição, é fundamental que o nutricionista tenha uma formação generalista, humanista e crítica, capacitando-se para atuar na segurança alimentar, atenção dietética e promoção da saúde em diversas áreas do conhecimento. A atuação deve ser ética e considerar a realidade econômica, política, social e cultural (Alves; Martinez, 2016).

A ideia de formação generalista na nutrição pode ser interpretada de diferentes maneiras, desde uma formação ampla e abrangente até uma falta de especialização. Esse tipo de formação pode resultar em especializações superficiais e não preparar adequadamente os graduados para os desafios futuros. Repensar a formação na nutrição, com base na ideia de formação geral, pode significar investir no desenvolvimento de competências mais amplas e relevantes para o profissional e cidadão comprometido com o bem-estar coletivo (Soares; Aguiar, 2010).

A importância da abordagem social na formação dos profissionais de saúde tem sido amplamente discutida no meio acadêmico. A partir da década de 1970, houve debates significativos que influenciaram a concepção da formação do nutricionista, levando os cursos de Nutrição no Brasil a dar mais destaque às Ciências Sociais, Econômicas, Educação e Saúde Pública, em contraposição à ênfase excessiva nos conteúdos das Ciências Naturais (Oliveira; Santos, 2012).

A descrição do perfil do egresso na área de nutrição pode apresentar uma possível inconsistência em relação à expressão "capacitado a atuar em todas as áreas do conhecimento". Isso porque a ênfase da graduação do nutricionista na produção do conhecimento em diferentes áreas de estudo e pesquisa pode ser interpretada como áreas de atuação do nutricionista. Tanto a graduação quanto os cursos de pós-graduação são considerados o "lugar natural da produção de conhecimento" e a produção do conhecimento sistemático e legitimado envolve uma combinação entre graduação e pós-graduação. No entanto, cabe aos cursos de graduação enfatizarem o preparo de profissionais com capacidade para transformar o conhecimento científico em condutas profissionais e pessoais na sociedade, relacionadas aos problemas e necessidades dessa sociedade (Soares; Aguiar, 2010).

O corpo docente desempenha um papel central na formação do nutricionista, sendo essencial discutir questões como formação docente e práticas educativas. As universidades precisam garantir condições adequadas para o ensino na graduação, porém, há desafios estruturais nas universidades públicas brasileiras que dificultam a gestão dos processos de trabalho (Alves; Martinez, 2016).

A integração entre teoria e prática desde o início do curso é fundamental. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão é essencial, assim como a qualificação docente e o apoio a projetos de pesquisa. É importante que o projeto pedagógico do curso seja centrado no estudante, com o professor atuando como facilitador do processo de ensino-aprendizagem (Alves; Martinez, 2016).

Diante da situação epidemiológica e nutricional do Brasil, em que a desnutrição e o excesso de peso coexistem como problemas interligados, a formação do nutricionista está se tornando mais desafiadora. É necessário abordar as necessidades de saúde, incluindo as demandas da sociedade e do Sistema Único de Saúde (SUS), e também fornecer conteúdos que permitam ao profissional atuar em diversas etapas do sistema alimentar, ampliando sua visão para a determinação social da saúde e alimentação, incluindo aspectos ambientais. Diante desse cenário, os nutricionistas precisam refletir mais profundamente sobre seu papel como profissionais de saúde, comprometidos com a promoção de práticas alimentares saudáveis (Recine *et al*, 2012).

O nutricionista, tem como foco principal garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada e Segura. Ele atua na promoção de uma alimentação saudável para combater problemas como insegurança alimentar, doenças relacionadas à má alimentação e fome. Na área da saúde coletiva, o nutricionista desempenha um papel fundamental ao interagir com instituições comunitárias para garantir a segurança alimentar e nutricional de todos e todas. A fome é vista como uma consequência de problemas sociais, e o nutricionista atua ativamente na luta por esse direito humano à alimentação adequada. (Febran, 1989; Silva, 2019).

“Constitui, pois, a luta contra a fome, concebida em termos objetivos, o único caminho para a sobrevivência de nossa civilização, ameaçada em sua substância vital por seus próprios excessos, pelos abusos do poder econômico, por sua orgulhosa cegueira – numa palavra, por seu egocentrismo político, sua superada visão ptolomaica do mundo” (Castro, 1966).

A situação alimentar e o estado nutricional das pessoas e das comunidades são

determinados por diversos fatores complexos. O nutricionista, como profissional de saúde especializado em promover uma alimentação saudável e um bom estado nutricional, tem um papel crucial nesse contexto. Sua abordagem em relação a esses determinantes e sua capacidade de intervir neles podem influenciar diretamente a qualidade de vida das comunidades (Recine et al, 2012).

Embora a atuação em segurança alimentar não seja nova para os nutricionistas, as diretrizes nacionais de nutrição explicitam essa orientação curricular. Isso representa uma mudança significativa na identidade profissional do nutricionista e abre caminho para novas práticas na área (Soares; Aguiar, 2010).

As mudanças na formação dos profissionais nutricionistas, são processos complexos que envolvem não apenas alterações conceituais, mas também confrontos institucionais com conhecimentos e valores estabelecidos. A adequação da formação do nutricionista aos desafios presentes e futuros nas áreas de saúde, segurança alimentar e nutricional requer uma profunda reflexão sobre seu papel na sociedade e sua integração em políticas e programas públicos (Recine, *et al*, 2012).

Apesar de ter mais de sessenta anos de existência, a profissão de nutricionista no Brasil ainda não possui uma identidade profissional bem estabelecida na sociedade. Embora a importância da nutrição e a busca por hábitos saudáveis estejam em destaque, a contribuição específica do nutricionista na aplicação de conceitos modernos da Nutrição é conhecida apenas por grupos especializados. O desafio de se estabelecer coletivamente perante outros profissionais de saúde é um tema frequente entre os nutricionistas. A incorporação de novas técnicas e estratégias pedagógicas que promovam a interdisciplinaridade e a prática na construção do conhecimento pode ser fundamental para a formação da identidade profissional de futuros nutricionistas (Banduk; Ruiz-Moreno; Batista, 2009).

A formação em nutrição apresenta lacunas em relação ao desenvolvimento de competências em liderança, tomada de decisões, administração, gerenciamento e empreendedorismo, que são essenciais para o desenvolvimento profissional. A formação em nutrição também carece de direcionamento para o estudo de métodos de pesquisa e avaliação, a fim de capacitar os estudantes a elaborar, implementar e avaliar planos, programas, projetos e ações relacionados ao direito humano à alimentação adequada. Essas limitações e desafios sugerem que a formação do profissional de nutrição enfrenta obstáculos para atender plenamente as exigências do mercado de trabalho e para compreender e atuar nas políticas e programas de segurança alimentar

e nutricional (Soares; Aguiar, 2010).

No momento em que se escolhe Nutrição, o indivíduo pode ser atraído principalmente pelo aspecto da saúde, visto de forma curativa e biológica. No decorrer da formação, ele pode perceber uma tendência em ampliar o paradigma da Nutrição, buscando uma nova compreensão diante dos desafios da prática: Nutrição é vida, é conexão com a natureza, é fertilidade, é saúde e alimentação. É cuidado. (Bosi, 1992).

3.3 AGROECOLOGIA E NUTRIÇÃO

A importância da alimentação e nutrição está refletida na legislação recente do Estado Brasileiro, com destaque para a Lei 8.080, de 19/09/1990, que reconhece a alimentação como um fator determinante da saúde. Esta legislação estabelece que as ações de alimentação e nutrição devem ser integradas de forma complementar às ações de saúde, com formulação, execução e avaliação realizadas no âmbito das atividades e responsabilidades do SUS. A Emenda Constitucional n° 64, aprovada em 2010, trouxe a inclusão do direito à alimentação no artigo 6° da Constituição Federal. Em decorrência disso, o Estado Brasileiro formulou estratégias para lidar com a questão da fome, da pobreza e para promover uma alimentação saudável e adequada. Para tanto, foram promulgadas a Lei 11.346/2006, conhecida como Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), e o Decreto 7.272/2010, que institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), que:

“tem como propósito a melhoria das condições de alimentação, nutrição e saúde da população brasileira, mediante a promoção de práticas alimentares adequadas e saudáveis, a vigilância alimentar e nutricional, a prevenção e o cuidado integral dos agravos relacionados à alimentação e nutrição.”

O modelo atual de produção, circulação e consumo de alimentos, é uma relação utilitária e de expropriação com a natureza. Esse modelo mercantiliza os alimentos, resultando em uma produção em larga escala mediada pelo capital, que muitas vezes utiliza matérias-primas de monocultivos como milho, soja e trigo, com alto uso de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados. Essa abordagem visa aumentar a produtividade para reduzir a fome global, mas é questionada por gerar uma relação artificial com a natureza e promover produtos alimentícios criados pela agroindústria (Sambuichi *et al.*, 2017).

A agroecologia aparece como uma crítica a esse modelo de produção. Além de

considerar as dimensões alimentar e nutricional, incorpora práticas tradicionais que preservam a sociobiodiversidade e aspectos sociais e culturais na produção e consumo de alimentos, se interligando diretamente com a SAN, que visa garantir acesso regular a alimentos saudáveis e de qualidade, respeitando culturas e práticas camponesas, pesqueiras, ribeirinhas, indígenas, quilombolas e afins. Ela surge como uma estratégia para transformar o sistema agroalimentar, promovendo saúde através de uma abordagem completa sobre o alimento (Sambuichi *et al.*, 2017).

A discussão sobre SAN, tomou maior proporção após a Segunda Guerra Mundial, alinhada ao pensamento de organizações como a ONU e a FAO, que começavam a enxergar a mazela da fome como problema coletivo e que era necessário estabelecer o acesso a alimentos de boa qualidade como um direito da humanidade. Em contrapartida, surgiam aqueles que acreditavam e defendiam que o mercado e seus mecanismos iriam assegurar a SAN (FMI, Banco Mundial, entre outros). Nesse embate, nasce o pensamento que trata a Insegurança Alimentar apenas como uma indisponibilidade de alimentos, decorrida da falta de produção dos países pobres, corroborando para a criação da experiência de produção que viria a ser conhecida como Revolução Verde, que não alcançou os resultados esperados. Ao contrário, serviu para revelar que “a fome que persiste e assola diversas regiões do planeta é determinada pela falta de acesso à terra para produção ou pela insuficiência de renda para comprar alimentos – ou seja, é o resultado da injustiça social vigente e não da falta de produção de alimentos”. O que ficou de herança dessa revolução foram “as terríveis consequências ambientais, econômicas e sociais dessa estratégia, tais como: redução da biodiversidade, menor resistência a pragas, êxodo rural e contaminação do solo e dos alimentos com agrotóxicos” (Abrandh, 2013).

Desde 2008, o Brasil se tornou o maior consumidor de agrotóxicos globalmente. Os impactos na saúde pública são generalizados, afetando diferentes grupos, como trabalhadores de diversas áreas, residentes próximos a locais de produção e todos os consumidores de alimentos contaminados. Esses impactos estão relacionados ao modelo de desenvolvimento do país, focado na exportação de bens primários. O Brasil lidera o consumo de agrotóxicos por hectare plantado, com um aumento significativo de 45,1% entre 2013 e 2021, superando o crescimento da área plantada em 2,4 vezes nesse período. Em 2020, o país representou cerca de um quarto do consumo global de agrotóxicos. Essa realidade tem levado a graves consequências, como aproximadamente 200.000 mortes globais anuais, atribuídas diretamente aos

agrotóxicos, com a maioria ocorrendo em países com sistemas de saúde frágeis. O Brasil ainda utiliza uma quantidade significativa de agrotóxicos proibidos na União Europeia, o que ressalta a disparidade nas regulamentações globais sobre essas substâncias. O país também corre o perigo de se tornar um exportador de riscos para nações mais vulneráveis devido à presença de empresas fabricantes de agrotóxicos em seu território (Abrasco, 2023).

Destaca-se que os condicionantes socioambientais desempenham um papel crucial na justiça reprodutiva, e a exposição aos agrotóxicos tem sido associada a danos à saúde reprodutiva, como câncer e outros problemas de saúde em homens, mulheres e crianças. A utilização intensiva de agrotóxicos em áreas agrícolas tem impactos negativos na saúde, podendo causar desde distúrbios endócrinos até câncer e outras doenças graves. Além disso, a concentração de terras nas mãos de grandes proprietários no Brasil afeta a segurança alimentar da população e contribui para conflitos de terra e violência contra ativistas socioambientais. A exposição a agrotóxicos também está associada a problemas de saúde, como intoxicações agudas e crônicas, e afeta o meio ambiente, contribuindo para a contaminação do solo, água e ar (Abrasco, 2023).

A continuidade da implementação de políticas como a Pnapo e o Planapo é essencial para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional. Superar obstáculos como normas e leis que mantêm o modelo dominante é crucial. A agroecologia propõe uma abordagem alinhada com a segurança alimentar, promovendo equilíbrio, diversificação e cuidado com a natureza, desafiando conceitos tradicionais de alimentação saudável e garantindo a sustentabilidade da vida no planeta (Sambuichi *et al.*, 2017).

É necessário destacar a tragédia do homem moderno, que é dominado por mitos e influenciado pela publicidade, renunciando assim à sua capacidade de decidir. A sociedade é apresentada com tarefas interpretadas por uma elite, o que leva à massificação e à perda da individualidade. Paulo Freire afirmou que “ninguém luta contra as forças que não compreende”, assim clamando (com toda sua trajetória como patrono da educação e alma de quem sempre será lembrado por amar profundamente) a importância das pessoas se verem como sujeitos ativos, capazes de intervir e mudar a realidade (Sambuichi *et al.*, 2017).

A biopolítica está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo, controlando os corpos para a produção e moldando a população de acordo com as

demandas da economia global. Isso influencia a subjetividade e a corporeidade dos cidadãos. Alimentos processados e ultraprocessados são promovidos como adequados às exigências de tempo e espaço, substituindo gradualmente refeições caseiras saudáveis. Na modernidade, a nutrição é enfatizada através de discursos científicos sobre alimentação, estabelecendo padrões dietéticos específicos. Essas prescrições dietéticas são baseadas em conceitos de saúde, higiene e qualidade ocidentais, ignorando conhecimentos locais e impondo um padrão cultural dominante (Dias *et al.*, 2021).

Além disso, o modelo de desenvolvimento nas sociedades industriais se baseia na expropriação da natureza, sendo insustentável e socialmente injusto. A gestão do planeta é dominada por forças econômicas, simbólicas e científicas, disseminando o paradigma civilizatório ocidental. A funcionalidade nutricional é enfatizada na modernidade, promovendo um padrão alimentar específico desconectado de sistemas de conhecimento locais. Isso resulta em uma homogeneização do gosto e do paladar, naturalizando escolhas alimentares impostas por um processo de colonização do sabor (Sambuichi *et al.*, 2017).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

O trabalho de conclusão de curso foi elaborado em formato de revisão bibliográfica do tipo Revisão Integrativa da Literatura. A pesquisa bibliográfica é uma maneira eficaz de iniciar um estudo, comparando os artigos encontrados nos documentos de referência. A compilação de informações em meios eletrônicos é um benefício para os pesquisadores, facilitando o acesso e a atualização constante, tendo como objetivo principal reunir informações sobre um determinado tema, auxiliando na construção de um estudo relevante para o progresso de conhecimento na área, neste caso, da nutrição (De Souza; Da Silva; Carvalho, 2010).

E que se define pelas etapas: 1) de identificação do tema e seleção da hipótese; 2) definição de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; 6) e apresentação da revisão do conhecimento (De Sousa *et al.*, 2018)

A revisão integrativa é um método que permite a síntese de conhecimento e a aplicação dos resultados de estudos relevantes na prática. É essencial para garantir uma prática assistencial baseada em evidências científicas, sendo considerada uma ferramenta fundamental no campo da saúde, pois consolida as pesquisas disponíveis e orienta a prática com embasamento científico (De Souza; Da Silva; Carvalho, 2010).

4.2 PROCEDIMENTOS

4.2.1 Identificação do Tema

Na etapa de elaboração do trabalho foi inicialmente feito a escolha do tema estudado, em seguida foi feita a elaboração da questão norteadora através da estratégia TQO: T - tema; Q - qualificador; O - Objeto de pesquisa (quadro 1), essa técnica ajuda a delimitar o tópico de pesquisa estabelecendo limites, evitando a produção de grandes quantidades de resultados não correlacionados (alta variedade e/ou ou alto volume). (Marcos; García, 2018):

“Onde e como a agroecologia está inserida na graduação do nutricionista.”

A extração de dados foi realizada em bases de dados conceituadas:

Periódicos Capes, Scielo, Medline, Lilac, Pubmed e Google Scholar. Usando as seguintes palavras-chaves (descritivos): agroecologia-e-formação em nutrição; e agroecologia-e-ensino em nutrição. Usando sempre o operador Booleano “E”. E os delimitadores: público alvo (nutricionistas); geográfico (estudos realizados no Brasil); idioma (português) e temporal (a partir do ano de 2012).

Quadro 1 - Estratégia TQO para a pesquisa

Tema	Qualificador	Objeto de pesquisa
Agroecologia na Nutrição	Como e/ou onde a agroecologia está inserida	Profissionalização (formação acadêmica) do nutricionista

Fonte: Autoria própria (2024)

4.2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão na seleção dos trabalhos foram: a) o uso necessariamente do termo “agroecologia” no corpo do texto, b) abordagem superficial do tema agroecologia nos estudos c) que contenha em seu texto ao menos um destes assuntos: “formação em nutrição” ou “graduação em nutrição” ou “graduandos em(de)

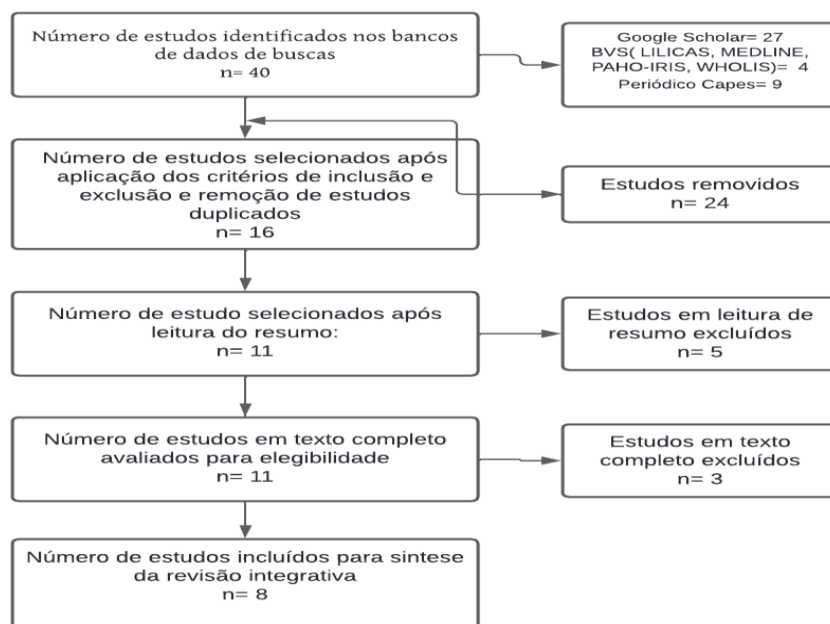
nutrição” ou “formação (graduação) do(e) nutricionista” d) trabalhos realizados no Brasil, e) trabalhos publicados após 2012, ano do decreto nº 7.794/2012, que instituiu a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, e) que estejam nos idiomas português ou inglês.

Foram excluídas publicações realizadas antes de 2012; trabalhos realizados fora do Brasil; que abordavam o tema “agricultura sustentável” como termo genérico para agroecologia; que não abordassem a agroecologia como fonte de conhecimento e/ou prática para a formação do nutricionista; que não abordassem a profissionalização (formação acadêmica) do nutricionista; artigos indisponíveis nos bancos de dados; que possuíam uma qualidade inferior de conteúdo; e livros.

4.2.3 Avaliação dos estudos incluídos e construção da etapa final

Através da leitura, primeiramente do título e resumo após a seleção, ocorreu a leitura na íntegra das publicações para avaliação crítica e concepção da síntese necessária para os resultados e discussão (quadro 2).

Quadro 2. Fluxograma PRISMA



Fonte: Autoria própria (2024)

4.2.4 Definição das informações a serem extraídas

Em alusão aos objetivos requeridos deste trabalho, busca-se encontrar nesses estudos como os escritores descrevem o uso da agroecologia dentro do campo da nutrição, procurando em seus objetivos, métodos, resultados e conclusões a ideia da inserção deste objeto como saber, ação e filosofia social e política.

4.2.5 Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa

Para analisar os dados obtidos com a leitura das obras, iremos objetivar a busca das seguintes respostas:

- Qual é a questão da pesquisa?
- por que a questão é importante?
- o que a questão da pesquisa responde?

4.2.6 Interpretação dos resultados

Após leitura crítica e embasada no referencial teórico, criou-se sínteses de cada uma das publicações, com foco nos objetivos, métodos, resultados e conclusões.

4.2.7 Síntese do conhecimento

Apresentação das informações obtidas por meio de tabela representando os tópicos: Questão principal; importância da questão; Resposta da pesquisa a esta questão; e aplicabilidade conceitual para com a agroecologia dentro da nutrição.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da base adquirida com o referencial teórico e transpondo a síntese obtida das leituras de cada um dos trabalhos selecionados, Apêndice A - Quadro com os resultados obtidos - onde, depois da leitura exaustiva e debruçamento em cada texto, chegou-se aos resultados nele demonstrado, tendo essa construção como a resposta dessa pesquisa, de “verificar a presença da agroecologia na formação do nutricionista”.

Em primeiro lugar é necessário falar da pequena quantidade de publicações achadas por meio da metodologia, enfatizando uma possível falta de publicações.

Em cada um dos trabalhos revisados, Quadro 3, a agroecologia se fez presente na fala dos autores sobre sua importância dentro da Ciência da Nutrição e sua formação. Segundo os autores, a agroecologia não é apenas um aporte tecnológico, mas é também um diferencial social, filosófico, naturalista e uma ferramenta de ensino e aprendizado. Seu potencial de transformação na formação do nutricionista ainda é difícil de se medir, pois parte desde a mudança da mentalidade individualista para que o ser tenha um outro olhar para o alimento e seu ciclo de produção, a começar dos sistemas alimentares renováveis e sustentáveis, passando pelas mãos dos agricultores familiares que cuidam de fato do que estão produzindo, não somente para ganhar dinheiro, mas também para se alimentar, alimentar os seus e compartilhar com seus iguais um alimento de verdade; junto a uma oferta justa e limpa, com apoio de políticas públicas que dão aporte para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional; indo até a mesa de quem come e assim respeitando a cultura, o meio ambiente e a vida. A SSAN é pautada no ideal supremo do alimento como Direito Humano, onde cada indivíduo neste planeta tenha condições de ter comida em qualidade e quantidade suficientes.

Quadro 3 - Apanhado com o Título, nome do(s) autor(es) e Periódico (local de publicação) dos trabalhos selecionados

Título	Autor(es) e ano	Periódico
A Alimentação Saudável Nas Representações Sociais De Nutricionistas Docentes Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Brasil	Luana Fernandes Melo. 2022	Repositório Digital da UFSM
Biodiversidade De Plantas Alimentícias Não Convencionais Em Uma Horta Comunitária Com Fins Educativos	Michelle C. M. Jacob 2020	DEMETRA
Ciclos De Discussão De Segurança Alimentar E Nutricional: Promovendo A Troca De Saberes Entre Sala De Aula E A Comunidade	Sílvia Oliveira Lopes, Dayane de Castro Moraes, Elizangela da Silva Miguel, Paula Torres Trivellato, Luiza Veloso Dutra, Carina Aparecida Pinto, Sílvia Eloiza Priore. 2020	Periódicos UFV
Concepções De Trabalho, Educação E Saúde Na Formação E Atuação Profissional Do Nutricionista No Âmbito Da Estratégia De Saúde Da Família No Município Do Rio De Janeiro	Hugo Braz Marques. 2018	ARCA- Fiocruz
Desenvolvimento De Competências Para Nutrição No	Michelle C. M. Jacob, Fábio R. de Araújo. 2018	SciELO

Contexto De Sistemas Alimentares Sustentáveis		
Garden-Based Learning Como Proposta Educativa: A Experiência Do Curso De Graduação Em Nutrição Da Ufrn	Thiago P. Jorge, Michelle C. Jacob, Laura B. Porciúncula, Yasmin Araújo e Milka Alves. 2020	Cadernos de Agroecologia
Sistemas Alimentares Sustentáveis E Saudáveis: Diálogos E Convergências Possíveis	Islandia Bezerra e Natália Ferreira de Paula. 2021	Fazciência. E-revista, unioeste
Vivência De Educação Alimentar E Nutricional Em Uma Área Agroecológica: Relato De Experiência	Anabele Pires Santos, Célia do Carmo Corcini, Júlio César Fortes de Paula e Arthur Klik de Lima. 2024	Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales (A4)

Fonte: Autoria Própria (2024)

A Ciência da Nutrição, que por vezes já foi entendida como uma subprofissão, hoje assume um papel fundamental para o resgate da vida digna. É com ela que as governanças do mundo começam a luta emergencial para suportar as mudanças climáticas que o *modus operandi* da sociedade causou. Temos uma profissão cada vez mais essencial para a manutenção da vida, vide mundo pandêmico que passamos e o quanto estava em pauta o tema alimento, seja por sua escassez, poder de equilibrar o sistema imunológico ou ainda pelas consequências que o desequilíbrio nutricional gerou através das DCNTs e da fragilidade que isto gerou.

A agroecologia ainda é tratada como novidade dentro da formação, mas em ascensão, principalmente dentro da urgência declarada na “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Saudável”, documento da ONU que é um plano abrangente para promover a ação em benefício das pessoas, do planeta e da prosperidade, com o objetivo de fortalecer a paz global e eliminar a pobreza em todas as suas formas. Todos os países e partes interessadas trabalharão juntos para implementar esse plano, com o propósito de libertar a humanidade da pobreza e proteger o meio ambiente. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as 169 metas estabelecidas representam a ambição dessa nova Agenda universal, que busca promover os direitos humanos, a igualdade de gênero e o desenvolvimento sustentável em todas as suas dimensões. Com destaque para o objetivo 2 de “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável” e o objetivo 3, de “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” (ONU-Brasil, 2015).

Objetivos esses, paralelos a agroecologia, que são refletidos em uma formação cada vez mais humanizada que se apresenta no curso de Nutrição, antes pautado basicamente no processo saúde-doença. Surgindo assim a agroecologia, que pode ainda não ser conhecida nominalmente, mas vem crescendo, sendo cultivada por docentes engajados em modificar o desenvolvimento da formação.

Marion Nestle, em seu livro "Uma verdade indigesta" (2019), explora a relação entre comida, pesquisa em ciência da alimentação e nutrição, e as dinâmicas de poder na sociedade. Ela destaca como as corporações que controlam o sistema alimentar neoliberal influenciam a construção da ciência e das narrativas sobre o que é saudável e sustentável na alimentação. Isso ressalta a importância de uma formação e atuação mais reflexiva e transformadora por parte dos nutricionistas (Bezerra; Paula, 2021).

A formação do nutricionista deve ser crítica, ética e abrangente, priorizando uma abordagem acolhedora que leve em consideração diversos aspectos do contexto de saúde, como estilos de vida, estrutura social, cultura, respeito à diversidade, solidariedade, humanização, responsabilidade em conjunto, inclusão e justiça social (PIRES et al., 2024). Todos esses aspectos podem ser explorados através da agroecologia.

A Ciência da Nutrição se transformou para compreender as complexas conexões dos sistemas alimentares com a lógica política e econômica global, que influenciam as dimensões da saúde das pessoas e do ambiente. Além disso, trabalha para promover processos que incorporem as dimensões da sustentabilidade, da saúde e dos significados simbólicos do ato de se alimentar nos territórios. O Sistema Alimentar é descrito como um conjunto de atividades que envolvem a produção, distribuição e consumo de alimentos em escala local e mundial. Isso inclui empresas de insumos agrícolas, o setor agropecuário, a indústria de transformação de alimentos, o setor de distribuição e os consumidores. A influência da ciência da nutrição abrange também o sistema alimentar, especialmente em relação à transformação, distribuição e recomendação do consumo de alimentos (Bezerra; Paula, 2021).

Um sistema alimentar também é definido por seus resultados sociais, econômicos e ambientais. Dietas sustentáveis são aquelas com baixo impacto ambiental, promovendo a segurança alimentar e nutricional para as gerações presentes e futuras. A agroecologia busca melhorar a eficiência na utilização dos recursos, conservar e proteger os recursos naturais, promover o bem-estar social e a resiliência dos ecossistemas, além de aprimorar os mecanismos de governança (Jacob; Araújo, 2020).

Segurança Alimentar, sustentabilidade e sistemas alimentares foram as palavras em comum das publicações. Todas as autoras e autores falam em um mesmo tom: a agroecologia é importante para que o equilíbrio entre esses três elos seja alcançado. O alimento em toda sua força motriz não abastece apenas nossas células, mas está também no imaterial do conhecimento, da fé, do amor, da felicidade, da luta e do cuidado.

O campo da alimentação e nutrição se tornou multidisciplinar, integrando dimensões biológicas, sociais e ambientais. A ação do nutricionista ultrapassa o espaço clínico e se projeta em uma perspectiva social. Uma visão mais abrangente e não reducionista têm surgido, buscando compreender o que é uma alimentação adequada, equilibrada, nutritiva, segura, saudável e sustentável, considerando a origem dos alimentos e os impactos dos sistemas agroalimentares (Melo, 2022).

É preponderante a mitigação das más escolhas que vêm fazendo parte da nossa história como povo brasileiro. Para isso, é preciso antes lembrar que o país teve início quando foi tomado à força por colonos infames. Antes, vivíamos em equilíbrio com a Mãe Terra. Mas os navios trouxeram o mal que habitava o outro lado do oceano. E não parou por aí: Parte de nossos antepassados foram paridos em navios negreiros, no escuro, presos no porão, atravessando o mar, cortando a liberdade para construírem um Brasil. Brasil este que ainda sofre com preconceitos enraizados em uma sociedade com o passado manchado pelo holocausto dos povos originários e a escravidão. Manchas essas que nunca serão apagadas, mas que devem ser ressignificadas na ressurreição de um país mais justo e igualitário. Um país que entende que é preciso educar os mais jovens para que eles respeitem o planeta, reeducar os mais antigos para que eles enxerguem de fato o que a vida é e a importância da valorização do nosso alimento, da nossa cultura, da nossa luta e da nossa história. Resistimos a golpes, genocídios e mitos.

“Quem vive na cidade tudo parece ter uma existência automática. Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de ‘eu sou a natureza’, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho de vida” (Krenak, 2020).

“Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*¹, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! *É tudo o que veio à existência na floresta longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca.* As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que *Omama*² deu a nossos ancestrais. Os *xapiri* defendem a floresta desde que ela existe. Sempre estiveram do lado de nossos antepassados, que por isso nunca a devastaram. Ela continua bem viva, não é? Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles inventaram novas palavras para proteger a floresta. Agora dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. [...] Somos habitantes da floresta. *Nascemos no centro da ecologia e lá crescemos.*” (Kopenawa, 2010)

Os povos originários em todo o mundo guardam vivências valiosas que podem ser compartilhadas, sendo "pessoas coletivas" que transmitem suas visões através do tempo. Eles vivem de forma não utilitária, em contraste com o pensamento do homem branco que valoriza o trabalho como razão de existência. Os indígenas não reconhecem a propriedade privada como fundamental, acreditando na Terra como provedora em todos os sentidos e na importância da água em suas vidas e cultura. A solidariedade e respeito mútuo são vistos como essenciais para a sobrevivência de todos, e a sabedoria dos povos indígenas é fundamental para a própria sobrevivência da humanidade. A mitologia ameríndia, por exemplo, aborda a solidariedade entre diferentes povos, destacando a importância do respeito pelo outro. Os povos indígenas resistem à dissolução cultural imposta pela modernidade ocidental, buscando viver de acordo com suas tradições e defendendo suas terras. Eles valorizam sua identidade e resistem à assimilação cultural, mantendo suas práticas e crenças ancestrais. Os Yanomami, outro exemplo de um povo indígena, compartilham sua história de perdas e resistência frente aos impactos da colonização. Mesmo diante das adversidades, encontram força na união com seus antepassados e na conexão com a natureza. A preservação de sua identidade e modo de vida é fundamental para sua felicidade e sobrevivência. (Krenak 2021; Kopenawa, 2010; Lévi-Strauss, 1993).

Outra parcela da população que vive a agroecologia são os agricultores familiares (em especial o gênero feminino). Pequenos e médios agricultores, responsáveis por 70% da produção de alimentos, operam dentro de uma economia baseada em valores morais, mesmo quando envolve dinheiro. Demonstram uma resistência contínua. Os camponeses,

¹ “Os *xapiri* são guardiões invisíveis das florestas, espíritos nos quais os ancestrais animais dos povos Yanomami se transformaram. Eles são evocados nos rituais xamânicos para refrescar a terra, curar o corpo e afastar as epidemias. Sua aparição é cintilante e seus cantos, ensurdecedores” (FLINS, 2021)

² Omama: Entidade criadora de tudo, na cultura Yanomami (Amazônia de A a Z)

de natureza combativa, são sobreviventes por excelência. São comunidades completas, diversas em sua composição, mas unidas em suas metas. Priorizam a sustentação da vida em vez do lucro, sendo que práticas como a milpa, a chakra, o conuco e todas as formas de agricultura doméstica são frequentemente desvalorizadas como antiquadas, ineficientes e não competitivas. Apesar de serem responsáveis por grande parte dos alimentos e matérias-primas utilizadas pela indústria, o trabalho das famílias camponesas é desconsiderado e desencorajado, da mesma forma que o trabalho essencial das mulheres, que mantêm o equilíbrio do mundo em movimento (Dias *et al.*, 2021).

A economia feminista amplia a visão do trabalho para incluir o trabalho doméstico e de cuidado, criticando as economias dominantes. As mulheres na roça realizam trabalho, não ajuda. Já o cuidado é mais que trabalho, envolvendo disponibilidade permanente.

Mulheres dedicam mais horas a afazeres domésticos e cuidado do que homens. O trabalho das mulheres na reprodução da força de trabalho é uma variável de ajuste no conflito entre capital e trabalho. O capitalismo, patriarcado e racismo se sustentam mutuamente, transferindo custos de produção para mulheres. O trabalho doméstico é reduzido à expressão da identidade de gênero feminina, permitindo que empresas e Estado transfiram custos de produção sem reações. (Dias *et al.*, 2021)

As mulheres que fazem parte da agricultura familiar são “... as preservadoras do fogo e da memória, o rosto verdadeiro da agricultura, a raiz profunda da vida camponesa”. E nesse movimento de luta e resistência, podemos afirmar que:

“Em uma ordem sem alma, que marginaliza e desqualifica tudo aquilo que não resulta lucrativo; que fratura o entorno natural-social e que produz morte, os camponeses, gestores e preservadores da vida, são as outras mulheres do mundo” (Dias *et al.*, 2021).

“Há a consciência universal de que atravessamos uma hora decisiva, na qual só reconhecendo os grandes erros de nossa civilização podemos reencontrar o caminho certo e fazê-la sobreviver à catástrofe” (Castro, 1946). Ailton Krenak, pensador brasileiro, afirma: “O Futuro é Ancestral”. Torna-se imprescindível, uma vez que é urgente a “superação da situação-limite, provocar a re-admiração da admiração anterior” (Paulo Freire, 1968). Isso implica buscar elementos que permitam compreender "como", "por que", "para que" e "para quem" ocorre a inclusão e exclusão de sujeitos nos processos de produção e consumo de alimentos. É nesse sentido que raia a agroecologia, ao possibilitar uma análise crítica contínua de mundo, tornando viável a transformação tanto da realidade quanto do sujeito social, promovendo uma visão da alimentação que vai além do aspecto meramente biológico e nutricional.

Os direitos humanos são inalienáveis e pertencem a todos os seres humanos simplesmente por serem parte da espécie humana. Eles garantem condições básicas para uma vida digna, como liberdade, igualdade, trabalho, saúde, moradia, educação e acesso a alimentos de qualidade. Foram estabelecidos após lutas e conflitos como limites para o exercício do poder, seja público, privado, econômico, político ou religioso. Os direitos humanos são influenciados pelos costumes e valores de cada época e podem evoluir de acordo com as necessidades das pessoas. Seu propósito é proteger contra a tirania e a injustiça, assegurando a dignidade, igualdade e progresso da sociedade em um estado de ampla liberdade (Recine, 2011. Valente, 2002; Trindade, 2000; Bobbio, 1992).

Os alimentos, com todos os seus nutrientes e simbolismos, são essenciais como energia vital para o crescimento e desenvolvimento humano, atendendo às necessidades fisiológicas de macro e micronutrientes, além de desempenharem um papel fundamental no campo psicológico com suas representações simbólicas na vida em sociedade (Dias *et al.*, 2021).

O conceito de Segurança Alimentar Nutricional, segundo o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) é:

“a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis”.

A Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) envolve um diálogo com diversas dimensões da sociedade, incluindo a natureza, e destaca a influência dos agentes econômicos e grandes corporações nos sistemas agroalimentares. Esses agentes ditam as normas em todas as etapas, desde a produção até o consumo, tratando os alimentos como mercadorias e condicionando o acesso a eles ao pagamento. A questão central é reconhecer que o alimento é um direito fundamental para a sobrevivência humana, indo além de sua mercantilização (Dias *et al.*, 2021).

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) do Brasil enfatiza a importância da alimentação como um elemento humanizador da prática de saúde, destacando que os hábitos alimentares, simbolismos, cultura e identidade alimentar são construídos socialmente pelos indivíduos, famílias e grupos. A promoção de uma alimentação saudável deve ser realizada através da disseminação de informações, proteção e apoio, visando fortalecer a autonomia e a reflexão crítica das pessoas. É crucial que haja uma compreensão ampla sobre a alimentação, equilibrando os aspectos de risco

à saúde e prazer. A PNAN visa promover a saúde, com ênfase em termos como "qualidade de vida" e "escolhas alimentares saudáveis". No entanto, é importante considerar que a promoção da saúde em meio ao neoliberalismo pode levar a uma ênfase excessiva na individualização e na suposta liberdade de escolha, sem levar em conta as influências macroestruturais nas práticas alimentares. A abordagem de risco à saúde na PNAN reflete essa perspectiva neoliberal de autonomia individual (Marques, 2018).

Alimentos provenientes de sistemas ecológicos apresentam benefícios à saúde, sendo mais nutritivos e seguros do que os alimentos convencionais. Além disso, a produção sustentável desses alimentos tem impacto ambiental positivo. A Agroecologia promove a produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e aditivos químicos, contribuindo para a melhoria da qualidade da alimentação. A agroecologia também valoriza o conhecimento tradicional, promove a segurança alimentar e nutricional, estimula o protagonismo social e a participação cidadã, e cria ambientes favoráveis à saúde, contribuindo para o bem-estar das comunidades (Pires, *et al.*, 2024).

A atuação conjunta do movimento agroecológico e orgânico, especialmente com o envolvimento das organizações de mulheres trabalhadoras rurais e camponesas, foi essencial para a criação da Pnapo e do Planapo em 2012. A elaboração da Pnapo ocorreu em um contexto político favorável, com um governo federal aberto ao diálogo com a sociedade e receptivo a novas pautas. Os instrumentos dessa política incluíam o Planapo, crédito rural, mecanismos de financiamento, seguro agrícola, regulação de preços, compras governamentais, pesquisa, assistência técnica, formação profissional, controle e monitoramento (Dias *et al.*, 2021).

A PNAPO foi instituída pela então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, com decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012:

A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO, com o objetivo de integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população, por meio do uso sustentável dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis. (Brasil, 2012)

Tendo como algumas de suas diretrizes: São produtos da sociobiodiversidade: bens e serviços originados de recursos da biodiversidade, destinados a formar cadeias produtivas beneficiando os contemplados pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (Lei da formulação das políticas públicas direcionadas à Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais) . Esses produtos visam promover a preservação e valorização das práticas e conhecimentos

locais, garantindo direitos, gerando renda e melhorando a qualidade de vida e do ambiente. O sistema orgânico de produção refere-se àquele definido pelo artigo 1º da Lei nº 10.831 (lei que dispõe sobre a agricultura orgânica para o Brasil), de 23 de dezembro de 2003, e outros que sigam seus princípios. Já a produção de base agroecológica busca a integração entre capacidade produtiva, conservação da biodiversidade, equilíbrio ecológico, eficiência econômica e justiça social, podendo ou não estar sujeita aos mecanismos de controle da referida lei e sua regulamentação. A transição agroecológica é um processo gradual de mudança nas práticas e manejo de agroecossistemas, sejam tradicionais ou convencionais, visando transformar as bases produtivas e sociais do uso da terra e dos recursos naturais em sistemas agrícolas que adotem princípios e tecnologias ecológicas (Brasil, 2012).

O valor da vida está intrinsecamente ligado ao valor da própria existência e à importância do ato de se alimentar e alimentar os outros. Os sistemas alimentares representam a expressão mais concreta e complexa desse ato diário de comensalidade. O debate sobre a "Comida de Verdade" é crucial, conforme destacado no Manifesto da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que ressalta a importância da comida saudável para as pessoas e para o planeta, considerando-a um ato político que respeita princípios como integralidade, universalidade e equidade (Bezerra; Paula, 2021).

Alinhar essas duas áreas (Agroecologia e Nutrição) é olhar para o símbolo que carregamos na profissão e de fato entender que nela estão representadas a alimentação, a saúde e o equilíbrio. E foi assim, que entendeu-se como resultado o que cada autor quis mostrar em seus trabalhos. Uma busca pelo equilíbrio na saúde através do alimento. Saúde é vida com felicidade e dignidade. E “sem folha não há vida”. Encontrando assim a assertiva de que a agroecologia se faz necessária para a ciência da Nutrição por promover múltiplas ferramentas para a formação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada nessa vida é certo, com exceção da morte. Mas como comecei, findo: "Tem que morrer pra germinar".

Ao decorrer da criação deste trabalho entendi o motivo de se fazer um TCC. É para que se tenha a certeza de que se é capaz, sepultando um passado de incertezas e renascendo em um futuro cheio de confiança e conquistas que virão.

Somos seres coletivos e as coletividades do mundo são exemplos de perfeita harmonia com a natureza, tomem as formigas e as abelhas como exemplo e vejam o

quanto é poderoso o trabalho em equipe! A agroecologia nos dá uma chance de ativarmos as colmeias e formigueiros humanos. A utópica frase “um por todos e todos por um” se faz extremamente necessária para acabar com a raiz do mal humano, o egoísmo. A agroecologia é um presente altruísta, embalado pelo amor que une toda a humanidade, desde os tenros princípios.

Durante minha jornada de formação, foi adquirida a certeza da representatividade da divindade do alimento. Olhe para um coqueiro: Divino coco com sua divina água e divina polpa. Aplique este mesmo pensamento para qualquer alimento de verdade e tenha a iluminação do Espírito Santo da Vida alimentando cada minúsculo elemento que forma o corpo humano.

“Re-admirar” o poder que só o alimento possui ao colocar os óculos da agroecologia e ver que o mundo pode (e deveria!) existir em equilíbrio. É com a agroecologia que os nutricionistas podem transformar o cuidado da vida, ao entender que a fome não é causada pela falta de alimento, e sim pelas desigualdades sociais e pela estruturação da sociedade baseada no capitalismo egoísta. É com a agroecologia que a Ciência da Nutrição terá o poder de mudar o mundo! Essa frase pode parecer utópica, mas:

“o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico” (Freire, 1972)

Sempre vi na música e na poesia algo transcendental. Tento fazer minha vida musical e poética. Encontrei na nutrição e na agroecologia ferramentas para metrificar, rimar, harmonizar, ritmar e melodiar o viver. A vida é essa intensa fruição, palavra que aprendi com Ailton Krenak e me ajudou a chegar até aqui. É aproveitar satisfatoriamente e prazerosamente algo. E diversas vezes enquanto escrevia este trabalho me vinha à cabeça “como é bom ser eu!” Exclamação perene enquanto minha existência fruir.

A formação humanizada, algo que o curso de Nutrição em Cuité me proporcionou, permite abrandar as asperezas da solidão da alma ao pensar no outro e me ver “coletivo”, reconhecer-me como natureza, pertencente ao todo, algo que a agroecologia (mesmo pouco aprofundada) me trouxe. Re-admirar a vida, ter sentido em desfrutar do bem e bom comer e nessa ação transpassar as barreiras do modismo, dos

padrões e do autoritarismo imposto pelo capital.

Sentir em ter sentido. Sentimento de voltar para os braços da Mãe Terra e prestigiar o milagre da vida, tendo a comida Soberana e Segura como forma de oração pura e genuína. Agradecer protegendo e amando o que temos de mais precioso. “Eco”, que vem de “oikos”, que significa nossa casa. Agro, nosso campo. Logia, vem de “lógos”, com significado de estudar. Que possamos estudar como transformar nossa casa como nosso campo e nosso campo como nossa casa.

A própria agroecologia aqui tratada tem uma natureza transitória. Por isso, espero poder ler vários outros trabalhos que envolvam a temática formação em Nutrição com agroecologia. São poucos (ainda) os que estão disponíveis. Minha tentativa é, com toda minha grandeza de se reconhecer pequeno diante a infinitude, visualizar o todo e demonstrar que é fundamental olhar para o passado e crer que o “futuro é ancestral” e que essa ciência que sempre existiu para nós humanos (e que nos fez) é a esperança de prosseguirmos.

Viva a Agricultura Familiar! Viva ao povo lutador (em especial a representatividade que o meu Nordeste carrega)!

A condição Humana, parafraseando Paulo Freire, está entrelaçada na sua finitude e em ser inacabada. É, assim, preciso se lançar a algo que dê sentido à existência. Conselho? Opte pelo mais fácil: O “comer” e o “mato”!

REFERÊNCIAS

ABRANDH, O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/DHAA_SAN.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2024.

ABRASCO, Nota Técnica: “Agrotóxicos, exposição humana, dano à saúde reprodutiva e vigilância da saúde”. Disponível em: <<https://abrasco.org.br/wp-content/uploads/2023/11/Nota-Tecnica-Agrotoxicos-exposicao-humana-dano-a-saude-reprodutiva-e-vigilancia-da-saude.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2024.

Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>>. Acesso em: 7 de maio de 2024.

ALINE, N.; LUIZ, G.; ROBERTO, P. Saberes e fazeres agroecológicos no cultivo do feijão caupi (*Vigna unguiculata*) por meio da técnica do abafado realizado por agricultores familiares do Maranhão. Conhecimentos e práticas agroecológicas no cultivo do feijão-caupi (*Vigna unguiculata*) pela técnica de corte e cobertura morta realizado por agricultores familiares no Maranhão . Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/217675/1/Saberes.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

AGROECOLOGIA | FAO. Disponível em: <<https://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/444895/>>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

AGROECOLOGIA : princípios e reflexões conceituais / editores técnicos, João Carlos Costa Gomes, William Santos de Assis. – Brasília, DF : Embrapa, 2013. E-book: il. color. (Coleção Transição Agroecológica ; 1).

AGROECOLOGIA E POVOS TRADICIONAIS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE / Flávio Bezerra Barros ...[et al.], editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2023. PDF (354 p.) : il. color. (Coleção Transição Agroecológica; v.6).

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

AILTON KRENAK. A vida não é útil. São Paulo, Brazil: Companhia Das Letras, 2020.

ALMEIDA, J.A.F.de., et al. 2012. Agroecologia. Ilhéus, Ceplac/Cenex. 44p.

ALVES, CGL; MARTINEZ, MR Lacunas entre a formação do nutricionista e o perfil de competências para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). Interface , v. 20, n. 56, pág. 159–169, 2016.

BANDUK, MLS; RUIZ-MORENO, L.; BATISTA, NA A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista. *Interface*, v. 13, n. 28, pág. 111–120, 2009.

BEZERRA, I.; PAULA, N. F. SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS: DIÁLOGOS E CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS. *Revista Faz Ciência*, v. 23, n. 37, p. 12–33, 7 abr. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Organizado por Cláudio Brandão de Oliveira. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002. 320 p.

BRASIL, P. O. Horta Comunitária Nutrir: educação para o desenvolvimento sustentável na formação em alimentação e nutrição. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/3629/1/EPE%20-%20Horta%20Comunit%C3%A1ria%20Nutrir%20-%20educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CARNEIRO, Fernando Ferreira (Org.) Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CASTRO, Josué, 1908-1973. C351g Geografia da fome : o dilema brasileiro : pão ou aço Josué de Castro. — Rio de Janeiro : Edições Antares, 1946.

CHRISTOFFOLI, P.; ROSECLEIA; PRESA, B. Efeito Indução Do Paa E Pnae Sobre A Adoção Da Cooperação E Da Agroecologia Por Agricultores Familiares E Assentados. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://abpes.org/abpes/wp-content/uploads/2021/10/CHRISTOFFOLI-pedro-PRESA-rosecleia-AZEREDO-raoni-CHRISTOFFOLI-gustavo.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

DE NEGRI, S. T.; AMESTOY, S. C.; HECK, R. M. Reflexões Sobre A História Da Nutrição: Do Florescimento Da Profissão Ao Contexto Atual Da Formação. *Revista Contexto & Saúde*, v. 17, n. 32, p. 75, 2017.

FELIX, EDNALVA & LIMA, MARCIA MARIA. (2020). Agroecologia e tecnologia social como caminhos para o desenvolvimento rural integral: Uma aproximação. *Economia e Desenvolvimento*. 32. 10.5902/1414650941536.

FLINS, N. Demini na escuta: sobre o experimento Xapiri. Disponível em: <<https://select.art.br/demini-na-escuta-sobre-o-experimento-xapiri/#:~:text=Os%20xapiri%20s%C3%A3o%20guardi%C3%B5es%20invis%C3%A4veis>>. Acesso em: 29 de abril 2024.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 1. ed. PortoAlegre: Editora UFRGS, 2000.

JACOB, M. C. M.; ARAÚJO, F. R. DE. Desenvolvimento de competências para Nutrição no contexto de Sistemas Alimentares Sustentáveis. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 4369–4378, 6 nov. 2020.

JORGE, JACOB et al. Garden-Based Learning Como Proposta Educativa: A Experiência Do Curso De Graduação Em Nutrição Da Ufrn. Disponível em: <<https://www.nutrir.com.vc/horta/Portfolio.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami / Davi

Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Molsés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1 • ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2015. Título original: *La Chute du ele!* : Paroles d'un chaman yanomami.

LIMA DO VALLE CARDOSO, C. G.; DA SILVA CAMPOS COSTA, N. M.; ARANTES MORAES, B. Desafios da formação pedagógica em nutrição. *Ciencia, docencia y tecnología*, v. 27, n. 53, p. 33–49, 2016.

LÉVI-STRAUSSC; ROSA FREIRE D'AGUIAR. *Tristes trópicos*. [s.l.] São Paulo Companhia Das Letras, 2007.

MARCO REFERENCIAL EM AGROECOLOGIA. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/66727/1/Marco-referencial.pdf>>. Acesso em 27/04/2024.

MARCOS-PABLOS, S.; GARCÍA-PENALVO, F. J. Information retrieval methodology for aiding scientific database search. *Soft Computing*, v. 24, n. 8, p. 5551–5560, 12 out. 2018. Disponível em: https://repositorio.grial.eu/bitstream/grial/1352/1/SoftComputing_DecissionSuportTools_postprint.pdf . Acesso em 27 de abril de 2024.

MARQUES, H. B. Concepções de trabalho, educação e saúde na formação e atuação profissional do nutricionista no âmbito da estratégia de saúde da família no município do Rio de Janeiro. www.arca.fiocruz.br, 2018.

MELO, L. F. A alimentação saudável nas representações sociais de nutricionistas docentes do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/26112>>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

MOTA DE SOUSA, L. M. et al. Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, v. 1, n. 1, p. 45–55, 23 jun. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.074391> . Acesso em 27 de abril de 2024.

OLIVEIRA, N. DE; SANTOS, S. M. C. DOS. Desenvolvimento comunitário na formação do nutricionista: relato de experiência em um Curso de Nutrição. *Revista de Nutrição*, v. 27, n. 6, p. 775–783, 2014.

PIRES, SA et al. VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL EM UMA ÁREA AGROECOLÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA . Disponível em: <https://sites.ufop.br/sites/default/files/nupedes/files/vivencia_de_educacao_alimentar_e_nutricional_em_uma_area_agroecologica_relato_de_experiencia_coean_coean_-_1a_edicao.pdf?m=1614186640>. Acesso em: 29 de abril 2024.

PNAE. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/paa/paa-ci/pnae/pnae#:~:text=O%20PNAE%20tem%20car%C3%A1ter%20suplementar>>.

PRIMAVESI, Ana. Agroecologia, Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura. São Paulo, Nobel, 1997. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/wp-content/uploads/2022/02/Agroecologia-Ecosferabr-Tecnosfera-e-Agricultura.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2024.

Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/aceso-a-informacao/comunicabr/lista-dos-programas/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa#:~:text=O%20PAA%20tem%20tem%20como>>. Acesso em: 28 de abril 2024.

RECINE, Elisabetta. Consenso sobre habilidades e competências do nutricionista no âmbito da saúde coletiva / Elisabetta Recine, Andrea Sugai Mortoza. – Brasília : observatório de Políticas de Segurança e Nutrição, 2013.

SAMBUICHI, R. H. R. et al. A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil Uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável Organizadores. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8038/1/A%20pol%C3%ADtica%20nacional%20de%20agroecologia%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20org%C3%A2nica%20no%20Brasil.PDF>>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

SANTOS, C. P.; SILVA, N. DA. Políticas educativas e direitos de cidadania: programa nacional de alimentação escolar. Cruz das Armas, BA: Mestrado Profissional em Gestão Pública e Segurança Social (PPGPSS-UFRB), 2021. Disponível em: https://ufrb.edu.br/portal/images/noticias2021/volume_3_-_programa_nacional_de_alimenta%C3%87ao_escolar.pdf . Acesso em 27 de abril de 2024.

SÍLVIA OLIVEIRA LOPES et al. Ciclos de discussão de segurança alimentar e nutricional: promovendo a troca de saberes entre sala de aula e a comunidade. Elo, v. 9, p. 1–15, 22 set. 2020.

SOARES, N. T.; AGUIAR, A. C. DE. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de nutrição: avanços, lacunas, ambiguidades e perspectivas. Revista de Nutrição, v. 23, n. 5, p. 895–905, 2010.

SOUZA, M. T. DE ; SILVA, M. D. DA; CARVALHO, R. DE. Integrative Review:

What Is It? How to Do It? Einstein (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134> . Acesso em 26 de abril de 2024.

VELOSO, N. et al. Alimentação na escola e autonomia -desafios e possibilidades
School nutrition and autonomy -challenges and opportunities. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/csc/a/ds9bCsMtKWRjPcBW9zLsrcJ/?format=pdf>>. Acesso em
27 de abril de 2024

APÊNDICES

Apêndice A - Quadro com os resultados obtidos:

Questão principal de cada publicação; a relevância desse questionamento; resposta que a escrita revelou; e a influência da agroecologia na formação.

Título do estudo	Questão principal	Importância da questão	Resposta da pesquisa	Presença da agroecologia na formação em nutrição
A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE NUTRICIONISTAS DOCENTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	As representações sociais de docentes dos cursos de nutrição do estado do Rio Grande do Sul sobre alimentação saudável estão pautadas pela abordagem do nutricionismo ou se pautam por uma abordagem sistêmica ou, ainda, estão em transição do nutricionismo para a abordagem sistêmica?	A importância da reflexão sobre o conceito de alimentação saudável para os futuros profissionais, juntamente com a complexidade da alimentação como fator de risco e a evolução dos conceitos ao longo da história. A promoção da alimentação saudável é ressaltada em relação à saúde humana e à sustentabilidade do planeta, enfatizando a necessidade de abordagens interdisciplinares e intersetoriais. A pesquisa e análise da alimentação são fundamentais para enfrentar os desafios atuais relacionados à nutrição e saúde.	Apesar dos avanços na abordagem interdisciplinar da ciência da nutrição no Brasil, ainda há desafios a superar, como a necessidade de explorar mais as dietas saudáveis e sustentáveis. A sustentabilidade ambiental é crucial, mas outras dimensões também são relevantes no campo da alimentação, nutrição e saúde. É essencial que os profissionais da nutrição incorporem práticas agroecológicas e sustentáveis em suas atividades, considerando a importância de uma alimentação saudável e adequada, “dado que em 2017,	A autora ressalta a importância da agroecologia na promoção de uma alimentação saudável, destacando a necessidade do profissional de nutrição compreender e se envolver com a agroecologia, redes de produtos agroecológicos e disseminar informações sobre essa forma de alimentação para influenciar os sistemas agroalimentares em direção à sustentabilidade. A agroecologia, ao promover sistemas agroalimentares sustentáveis, contribui para a saúde ambiental e humana, oferecendo alimentos saudáveis livres de resíduos químicos. Além disso, a produção agroecológica é vista

			segundo o CFN (2019), 40,8% dos nutricionistas brasileiros não conheciam a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica e apenas 3,4% conheciam muito essa política pública. A promoção de dietas saudáveis e sustentáveis pode contribuir significativamente para a saúde pública e o meio ambiente, gerando economias e reduzindo os impactos negativos. É fundamental que os profissionais da nutrição estejam alinhados com as diretrizes das políticas públicas de alimentação, nutrição e saúde, levando em consideração a complexidade das questões envolvidas na alimentação saudável.	como uma forma de desenvolvimento sustentável, promovendo o consumo responsável e a segurança alimentar e nutricional.
BIODIVERSIDADE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EM UMA HORTA COMUNITÁRIA COM FINS EDUCATIVOS	Quais as potenciais contribuições das PANCs para com a Segurança Alimentar Nutricional podem ser aprendidas. As hortas agem como laboratórios vivos, de maneira empírica, onde professores, alunos e voluntários interagem diretamente, podendo refletir sobre como essa construção de	As PANC são plantas subutilizadas que têm potencial para contribuir para a saúde, nutrição, renda e meio ambiente, mas sua definição varia de acordo com aspectos geográficos, sociais e culturais. Outro quesito que evidencia um problema do curso de nutrição é sua orientação em tradições hegemônicas que dificultam o entendimento do que são os sistemas	O consumo de plantas nativas da Caatinga, um bioma ameaçado, pode não apenas beneficiar a saúde humana, mas também contribuir para a conservação da diversidade biológica desse ecossistema. O consumo de PANCs pode contribuir para a SAN, aumentando a diversidade alimentar e a resiliência do sistema alimentar,	Refletir sobre questões de justiça social e ambiental, o que fez os alunos repensarem suas atitudes em relação ao meio ambiente. A abordagem transdisciplinar envolveu a integração de diferentes áreas do conhecimento, como Nutrição, Botânica, Ecologia e Agronomia, com foco nas PANCs, que possuem atualmente ligação com 4 temáticas da nutrição: Aspectos Socioantropológicos

	saberes desenvolvem potencialidades para uma melhor vida em comunidade.	alimentares, pois prioriza o nutriente, não dando a merecida atenção a como o alimento é produzido, nem muito menos onde e por quem. Ou ainda de que maneira os cidadãos adquirem a comida. Tornando necessário a conversação sobre o processo de formação do nutricionista, para que estes sejam qualificados para pensar sobre o alimento de maneira mais abrangente, contribuindo para a elaboração de uma agenda futura que considere as complexidades da Nutrição, incluindo políticas, pesquisas e serviços relevantes para a comunidade, com foco nos sistemas alimentares e na biodiversidade alimentar.	tanto no curto quanto no longo prazo.	da alimentação, Educação Alimentar e Nutricional, Elementos de agroecologia e Sistemas Sustentáveis para Segurança Alimentar e Nutricional. Conhecer e valorizar as plantas adaptadas ao bioma pode promover um manejo sustentável, reduzir o uso de produtos químicos e impulsionar a economia local. A promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) envolve não apenas a disponibilidade e o acesso a alimentos, mas também a utilização eficiente dos recursos alimentares, incluindo a dimensão da sustentabilidade a longo prazo.
CICLOS DE DISCUSSÃO DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: PROMOVENDO A TROCA DE SABERES ENTRE SALA DE AULA E A COMUNIDADE	Análise e apresentação de materiais essenciais para o estudo da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). aprofundando conceitos e relacionando seus estudos à temática. A proposta de expandir as discussões da disciplina para a comunidade resultou na criação do Ciclo, visando fortalecer a tríade de ensino, pesquisa e extensão.	A construção e evolução das políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional foram impulsionadas por eventos históricos, debates sociais e políticos, refletindo as necessidades da população em diferentes períodos. A SAN é considerada um movimento e uma política, com a Soberania Alimentar e o DHAA fortalecendo sua trajetória. Além do acesso e disponibilidade de alimentos, a SAN abrange o direito à	Espaços como os Ciclos de Discussão permitem que a comunidade acadêmica e externa se envolva com as políticas e ações de promoção da SAN.	A relação entre "Insegurança Alimentar" e "agrotóxico" destaca os impactos negativos na saúde e no meio ambiente, contrastando com a promoção de modelos mais sustentáveis, como a agricultura familiar e a agroecologia. A alimentação escolar proveniente desses modelos é reconhecida por contribuir para uma alimentação saudável e adequada. A discussão ressalta a importância da alimentação saudável na prevenção de doenças e crítica o

		<p>informação científica sobre alimentação saudável e direitos públicos. A comunicação desempenha um papel crucial na promoção da segurança alimentar e nutricional, destacando a importância de criar espaços para compartilhar e discutir conhecimentos sobre a temática, especialmente em ambientes acadêmicos.</p>		<p>uso de agrotóxicos, que violam o direito humano à alimentação adequada. A alimentação é influenciada por diversos fatores e sua discussão transcende as áreas do conhecimento, destacando a importância dos debates nos Ciclos. Os principais temas debatidos nos Ciclos incluem a promoção de sistemas sustentáveis de produção de alimentos, o fortalecimento das ações de alimentação e nutrição, o acesso universal à alimentação adequada, e o monitoramento do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável. As discussões abrangem aspectos como o histórico da SAN, modelos de produção de alimentos, programas governamentais, teor nutricional dos alimentos, economia solidária e novas metodologias de trabalho relacionadas à SAN.</p>
<p>CONCEPÇÕES DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO NUTRICIONISTA NO ÂMBITO DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>A investigação do estudo se deu observando o materialismo histórico, “que se propõe a considerar a história da vida cotidiana em processo, com vistas à busca de elementos presentes em um espectro que vai</p>	<p>A importância deste estudo está em identificar possíveis fragilidades e formas de resistência positiva ao neoliberalismo nas visões de Trabalho, Educação e Saúde dos nutricionistas do NASF no Rio de Janeiro. As reflexões nesse sentido podem enriquecer o debate</p>	<p>Uma proposta para promover a discussão sobre cultura alimentar, segurança alimentar e nutricional, sistema alimentar, sustentabilidade e agroecologia é incentivar a implantação e manutenção de hortas nas</p>	<p>A realização do trabalho de campo foi essencial para compreender as concepções e práticas dos nutricionistas do NASF Rio, contribuindo para a construção do conhecimento em Nutrição. As concepções de educação dos nutricionistas tendem</p>

	<p>da superficialidade aparente até a profundidade essencial”. Buscando assim responder quais são as concepções de trabalho, educação e saúde presentes na formação e atuação profissional do nutricionista inserido na ESF do município do Rio de Janeiro</p>	<p>sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e o papel do nutricionista na Saúde Coletiva e na Estratégia de Saúde da Família (ESF), sob a ótica do Materialismo Histórico-Dialético (MHD), que se baseia em conceitos como totalidade, historicidade e contradição. Dado o escasso estudo sobre a formação e atuação do nutricionista na ESF sob a perspectiva do MHD, os resultados desta pesquisa têm o potencial de ampliar o conhecimento desse profissional nas áreas de Trabalho, Educação e Saúde, provocando discussões sobre as DCN, políticas públicas, gestão do trabalho e de saúde relacionadas à Nutrição sob uma nova perspectiva.</p>	<p>Unidades Básicas de Saúde (UBS), com o apoio dos usuários e Agentes Comunitários de Saúde (ACS). “O sentido ontológico do trabalho e da educação, especialmente no que tange à área de saúde, deveria abarcar um caminho emancipatório e com valor à autonomia dos sujeitos, culminando em um modelo de educação histórico-crítica, no empoderamento e mobilização política da coletividade de trabalhadores, no alcance equânime e universal de direitos sociais e realização do SUS em concretude”.</p>	<p>a ser mais pragmáticas e tecnicistas, com predominância da área biomédica e clínica. Recomenda-se incluir disciplinas de Ciências Sociais e Saúde em períodos mais avançados para contextualizar situações reais e promover discussões sobre diversos temas relacionados à nutrição e saúde, como sistema alimentar, sustentabilidade e agroecologia, já que a Nutrição incorporou aspectos socioculturais e ambientais, tornando-se um campo multidisciplinar integrado por diversas áreas do conhecimento. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Nutrição buscam formar profissionais generalistas, humanistas e críticos, capazes de atuar na promoção da saúde e segurança alimentar. A interdisciplinaridade é essencial para compreender os determinantes sociais, econômicos e culturais da saúde e nutrição. A atuação em Saúde Coletiva exige o entendimento dos contextos sociais e econômicos que influenciam a alimentação e a saúde da população.</p>
DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA NUTRIÇÃO NO	O propósito do artigo foi refletir sobre as possíveis	A discussão crescente sobre os impactos dos	A Ciência da Nutrição deve estabelecer	Os escritores destacam como resultado da

<p>CONTEXTO DE SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS</p>	<p>lacunas encontradas na formação em Nutrição no que tange ao desenvolvimento de competências para atuar no contexto de Sistemas Alimentares (SAS) para SAN.</p>	<p>sistemas alimentares na saúde humana e ambiental destaca a importância das agendas globais que conectam sistemas alimentares, sustentabilidade e segurança alimentar e nutricional. A segurança alimentar e nutricional dos sistemas alimentares é definida por quatro dimensões: disponibilidade, acesso, utilização eficiente dos recursos alimentares e estabilidade. Atualmente, há um debate sobre a inclusão da sustentabilidade como uma quinta dimensão, fundamental para a segurança alimentar no futuro. Diversas iniciativas internacionais, como a Segunda Conferência Internacional de Nutrição e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, destacam a importância da segurança alimentar e nutricional, promovendo a implementação de políticas coerentes e ações coordenadas em diversos setores. A ONU lançou a Década de Ação para Nutrição, com foco na construção de Sistemas Alimentares Sustentáveis para dietas saudáveis.</p>	<p>conexões com diversas áreas disciplinares, como Ciências Agrárias, Educação, Ciências Sociais, Ecologia, Engenharia, Gastronomia e Gestão Pública, para obter uma base teórica abrangente relacionada à alimentação. A interação com esses campos do conhecimento capacita o profissional para se envolver de forma eficaz com os responsáveis pela tomada de decisões no setor alimentar. Recomenda-se a inclusão da temática de Nutrição sustentável nos currículos dos cursos de graduação em Nutrição, com ênfase em Sistemas Alimentares Sustentáveis (SAS), Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e Soberania Alimentar. Práticas comunitárias, como envolvimento em hortas comunitárias e visitas a agricultores familiares, são essenciais para fortalecer a formação dos estudantes. A diversidade de perfis docentes,</p>	<p>discussão, que, o nutricionista, de acordo com seu Código de Ética, se compromete com o desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade, sendo um princípio fundamental de sua atuação. Nos cursos de Graduação, o tema de Sistemas Alimentares Sustentáveis (SAS) deve ser abordado de forma prática e teórica, conectando-se com os problemas da Nutrição em diversas áreas de atuação. A fragmentação do conhecimento em Nutrição não é suficiente para superar os problemas atuais de má nutrição, sendo essencial uma abordagem ampla e crítica. O estudo dos SAS abrange desde conhecimentos técnicos até políticos e críticos, destacando a importância da biodiversidade e a necessidade de abordar questões sociais na conformação das práticas alimentares. Culminando com que a agroecologia seja apontada como uma fonte de conhecimento essencial para a formação do nutricionista.</p>
--	---	--	--	---

			<p>interação com redes de troca de experiências e estímulo à produção acadêmica são estratégias fundamentais para promover o avanço do conhecimento em Nutrição sustentável.</p>	
<p>GARDEN-BASED LEARNING COMO PROPOSTA EDUCATIVA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO DA UFRN</p>	<p>Usando de uma metodologia pedagógica ativa de Garden-Based Learning (GBL) em um curso de Nutrição de ensino superior em instituição pública de ensino, buscamos averiguar se, por meio do uso de horta institucionalizada na forma de laboratório, esse método funciona como ferramenta integradora de saberes, habilidades e atitudes necessários para a abordagem do desenvolvimento sustentável.</p>	<p>Diante do cenário atual do mundo, é essencial formar profissionais capacitados em sustentabilidade e segurança alimentar e nutricional, especialmente no campo da Nutrição. Esses profissionais precisam ter uma visão sistêmica da alimentação, compreendendo os diversos fatores sociais, culturais, econômicos, comportamentais, psicológicos, ecológicos e legais que influenciam a saúde e a doença. Essa abordagem está em conformidade com as DCN para o Curso de Graduação em Nutrição.</p>	<p>Os resultados positivos da abordagem de Aprendizagem Baseada em Garden-Based Learning (GBL) foram observados, com alunos mais engajados e uma maior conscientização ecológica, promovendo sistemas alimentares sustentáveis que fortalecem a soberania e segurança alimentar. O foco nas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) nas disciplinas é destacado, ressaltando seu potencial nutricional e sua importância para a formação de nutricionistas diante dos desafios atuais de insegurança alimentar. A importância crescente das hortas como espaços pedagógicos para adultos, integrando aspectos sociais e ambientais e promovendo a</p>	<p>Consolidar o conhecimento sobre as plantas, explorando seus aspectos culturais e nutricionais. “Utiliza-se da abordagem dos aspectos culturais do sistema alimentar, sustentabilidade e biodiversidade, dietas sustentáveis e agroecologia, a qual funciona como princípio norteador no momento de preparo do terreno, melhoramento do solo, desenho e área de localização”</p>

			participação ativa na produção e distribuição de alimentos de forma colaborativa, é enfatizada. A abordagem agroecológica do GBL busca não apenas ensinar jardinagem, mas também promover a justiça alimentar, fortalecer os vínculos entre a comunidade e o campus e proporcionar acesso a alimentos de qualidade, espaços terapêuticos e produtos acessíveis. Além disso, a educação problematizadora proposta por Freire é mencionada como uma forma de promover a autonomia e o empoderamento dos envolvidos no projeto.		
SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS SAUDÁVEIS: DIÁLOGOS CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS	E E	O texto propõe o desafio de analisar questões que possam contribuir para transformar os sistemas alimentares destrutivos e opressivos em algo construtivo, harmônico e libertador, considerando aspectos históricos, ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos. O objetivo é estimular	A ciência da nutrição é situada no campo da saúde e historicamente tem sido orientada por um modelo biológico cartesiano centrado no processo curativo e nas suas áreas específicas. No entanto, há um reconhecimento crescente da necessidade de considerar as dimensões ambiental, cultural, econômica, política, psicoafetiva, social e simbólica na formação e atuação profissional dos	O trabalho apresentado resulta na demonstração da importância de um investimento humano na construção de sistemas alimentares sustentáveis e saudáveis, ressaltando a interconexão entre seres humanos e a natureza. Nesse sentido, a Ciência da Nutrição deve promover uma formação ética e crítica para os profissionais,	A agroecologia, baseada nos princípios de Ciência-Movimento-Prática, busca promover sistemas alimentares sustentáveis e saudáveis, sendo uma resposta para alcançar a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). As autoras descrevem a agroecologia como uma forma de ciência capaz de impulsionar processos de inovação cognitiva, tecnológica e sociopolítica, e que

	<p>processos reflexivos e transformadores que promovam uma abordagem mais consciente, culturalmente relevante e ética em relação à produção e consumo de alimentos, sem esquecer dos vieses sociais inseridos nas lutas de classe, étnicas, raciais e de gênero.</p>	<p>nutricionistas, visando uma abordagem mais ampla e reflexiva do processo saúde-doença. A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade são apontadas como essenciais para uma prática profissional que contribua para a transformação social e alimentar.</p>	<p>considerando a complexidade interdisciplinar e a prática interseccional. A agroecologia surge como potência, e porque não dizer, ferramenta necessária para a formação do nutricionista, por promover uma transformação profunda na relação com o ambiente, renovando os significados dos elementos naturais e dos alimentos, ressaltando a conexão primordial entre seres humanos e natureza. A construção de sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis exige uma abordagem integrada e holística, considerando nutrição, saúde, felicidade e indicadores sociais e culturais. A agroecologia estimula processos de diálogo que promovem a sustentabilidade e a saúde, alinhando a sociedade com a natureza e seus ciclos.</p>	<p>está associada a um projeto amplo de transformação do sistema agroalimentar atual, com bases em justiça social, sustentabilidade ambiental e soberania alimentar. A diversidade sociocultural e política da agricultura familiar, camponesa, urbana e de comunidades tradicionais é fundamental para a construção do conhecimento agroecológico, envolvendo redes, coletivos e movimentos sociais em parceria com instituições de ensino, pesquisa e extensão. No Brasil, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) foram marcos importantes para impulsionar o desenvolvimento da agroecologia no país.</p>
--	--	--	--	---

<p>VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL EM UMA ÁREA AGROECOLÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA</p>	<p>A alimentação saudável tem sido historicamente um desafio para os brasileiros e tem piorado nas últimas décadas, com práticas alimentares inadequadas em diferentes fases da vida e estratos socioeconômicos. O aumento da obesidade e de doenças crônicas não transmissíveis relacionadas à alimentação, como hipertensão, obesidade e diabetes, é preocupante. Para lidar com esses desafios, é necessário ampliar a análise da alimentação considerando cinco dimensões fundamentais dessa: direito humano à alimentação, biológica, sociocultural, econômica e ambiental.</p>	<p>A Educação Alimentar e Nutricional, com sua abordagem intersetorial, destaca a diversidade em seus cenários de prática, exigindo dos profissionais uma atuação integrada e transdisciplinar dentro dos preceitos da saúde coletiva. A nutrição, inserida no campo da saúde coletiva, contribui para a interação entre diferentes saberes e práticas no setor da saúde, com avanços como a criação do SUS e políticas de alimentação e nutrição. A nutrição é central nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, com destaque para o "Fome Zero" e "Agricultura Sustentável". A ONU proclama a "Década de Ação sobre Nutrição" como uma iniciativa para garantir o direito humano à alimentação adequada e saudável e enfrentar a má nutrição globalmente. No Brasil, a má nutrição é evidenciada pela persistência da desnutrição, insegurança alimentar, deficiência de micronutrientes, sobrepeso, obesidade, infecções e doenças crônicas não transmissíveis. Frente ao cenário epidemiológico e nutricional complexo, é</p>	<p>A nutrição é central nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O processo de formação foi orientado pelos princípios da aprendizagem significativa, crítica e problematizadora, reconhecendo e valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes, contextualizando os elementos do ambiente e atribuindo sentido aos novos conteúdos apresentados. Isso permitiu que os estudantes se tornassem protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a construção compartilhada do conhecimento.</p>	<p>Intervenções ambientais, como exposição de cartazes abordando temas como direito humano à alimentação adequada, segurança alimentar e nutricional, alimentação saudável, agroecologia e cultura alimentar, afirmando que alimentos provenientes de sistemas ecológicos apresentam benefícios à saúde, sendo mais nutritivos e seguros do que os alimentos convencionais. Além disso, a produção sustentável desses alimentos tem impacto ambiental positivo. Por outro lado, Ribeiro et al. (2015) destacam que a agroecologia promove a produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e aditivos químicos, contribuindo para a melhoria da qualidade da alimentação. A agroecologia também valoriza o conhecimento tradicional, promove a segurança alimentar e nutricional, estimula o protagonismo social e a participação cidadã, e cria ambientes favoráveis à saúde, contribuindo para o bem-estar das comunidades.</p>
--	--	--	---	---

		<p>essencial capacitar os nutricionistas para lidar com os desafios alimentares e nutricionais da população, visando controlar e reduzir esses problemas. O objetivo é realizar ações de promoção da saúde e cuidado integral, seguindo as diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição, integrando políticas de promoção da saúde e nutrição.</p>		
--	--	---	--	--

Fonte: Autoria Própria (2024)